

REVISTA ADVENTISTA

«Até que todos cheguemos à unidade da Fé, ao conhecimento do Filho de Deus»

Aos Efésios, 4:13

Resumo

Grande Semana de 1946

(27 de Abril a 4 de Maio)

Departamento da Missão Interior da União

Boas e consoladoras notícias da Roménia

Escola de S. Paulo

Relatório do Director da Divisão Sul-Europeia
na Sessão da Conferência Geral de 1946

A Semana da Juventude da Igreja de Lisboa

Conhecer a Deus

Conselho de Inverno na Divisão Sul-Europeia

Feixe de Notícias

Inserir ainda vários relatórios das diversas actividades da União e da Divisão Sul-Europeia, assim como pequenas notícias

PREÇO:

1\$50

MARÇO - JUNHO DE 1946

A nossa Revista Adventista

No último conselho da União foi abordada a necessidade de fazer da nossa revista o jornal de informação do Movimento Adventista na União Portuguesa e de a colocar na mão de todos os Adventistas ou, pelo menos, em todos os lares.

O preço da revista passa a ser de 1\$50 cada exemplar e de 7\$50 a assinatura anual. Tais preços não cobrem a despesa, mas o excesso será pago pelos fundos da União.

A nossa revista agradece as notícias animadoras que lhe sejam enviadas de todos os nossos campos missionários e Igrejas, e que procurará publicar consoante as disponibilidades de espaço e oportunidade.

Uma coisa se pode fazer e que não custa dinheiro: cada director de Congregação, sem grande trabalho, poderia colocar em exposição o número da revista e anunciar a sua chegada, do cimo da tribuna.

Irmãos! a revista é vossa e para todos.

Assembleias Gerais da Conferência Geral

Vão realizar-se em Washington, no começo de Junho deste ano.

Deslocam-se em direcção à sede da Conferência Geral, centenas de delegados de todas as instituições espalhadas no mundo e muitos milhares de irmãos dos Estados Unidos e outros países. Esta assembleia faz-se com muita dificuldade devido à falta de alojamento, no período agudo em que se efectua a desmobilização de milhões de soldados americanos e em que escasseiam os meios de transporte para os Estados Unidos. Da União Portuguesa vai o primeiro delegado nacional a tão importante reunião—o Irmão A. Dias Gomes que ficará durante alguns meses nos Estados Unidos em estudo no Seminário Teológico e em visita às nossas mais importantes instituições.

Pede-se, em todas as Congregações, uma reunião especial de oração em favor das Assembleias da Conferência Geral e do êxito da viagem do nosso delegado às mesmas. Possa trazer meios, planos, ideias de aproveitamento para o Movimento em Portugal.

Caso desejem entrar em contacto com o nosso Irmão podem escrever em qualquer tempo para Takoma Park, Washington, D. C., Estados Unidos.

Cumprimentos de despedida

Apresento as minhas mais cordiais despedidas a todos os presados Irmãos e Colaboradores na nossa União, por motivo da minha retirada temporária para os Estados Unidos como delegado à Conferência Geral.

Estou muito grato a Deus e ao nosso Movimento por me ser concedida tão bela oportunidade de alargar os horizontes da actividade evangelizadora e peço a todos que se lembrem de mim nas suas preces, para que seja um verdadeiro êxito para a obra esta viagem.

Espero, se Deus quiser, estar de regresso no fim do verão e faço votos de saúde e felicidade espiritual para todos os meus presados Irmãos Adventistas e Amigos.

A. Dias Gomes

Nascer e pôr do Sol

MESES	Dia 1 de cada mês		Dia 15 de cada mês	
	Nascer	Ocaso	Nascer	Ocaso
Janeiro	7,55	17,25	7,54	17,39
Fevereiro . .	7,43	17,57	7,29	18,14
Março	7,10	18,29	6,49	18,43
Abril	6,23	18,59	6,2	19,12
Maió	5,40	19,28	5,25	19,41
Junho	5,14	19,55	5,11	20,3
Julho	5,15	20,6	5,23	20,1
Agosto	5,37	19,49	5,50	19,32
Setembro . .	6,4	19,8	6,18	18,46
Outubro . . .	6,31	18,21	6,45	18
Novembro .	7,3	17,38	7,19	17,24
Dezembro .	7,35	17,15	7,47	17,16

As horas são dadas em tempo médio civil de Greenwich (hora legal do continente).

Grande Semana de 1946

27 de Abril a 4 de Maio

“O amor de Cristo nos constringe.”

Aos Anciãos e Directores

Temos à nossa frente uma nova Grande Semana. Agora todos os membros e obreiros têm ocasião de fazer trabalho missionário, espalhando livros e folhetos e recolhendo os donativos para o desenvolvimento da nossa obra. Desde 1920, ano em que a Grande Semana teve o seu começo, este plano tem produzido grandes bênçãos.

O Conselho da Divisão Sul-Europeia resolveu destinar a oferta da Grande Semana de 1946 ao campo espanhol. Este país tem uma necessidade especial da nossa ajuda. Eis a razão por que nós queremos enviar à direcção do campo espanhol os fundos para a construção de capelas, tão necessárias ali.

Mas a Grande Semana permite-nos fazer ao nosso país um serviço importante: Milhares de livros, brochuras e jornais são espalhados durante esta campanha pelos membros da Igreja e pelos obreiros, e esta literatura exercerá, decerto, uma boa influência sobre os leitores. Como resultado das campanhas anteriores, milhares de pessoas entraram em contacto com a Mensagem e muitas aceitaram a verdade.

As possibilidades oferecidas pela Grande Semana de 1946, deveriam encorajar-nos a dedicar todas as nossas forças a esta campanha.

O Conselho da Divisão decidiu que a Grande Semana seja este ano em proveito da Espanha, para a construção de igrejas.

A Espanha é um dos maiores países da Europa; o número dos seus habitantes é superior a 22.000.000. É uma fortaleza do catolicismo romano. Excepto durante a República, a actividade religiosa, neste país, nunca conheceu uma completa liberdade. Antes da República, a actividade religiosa não-católica era mais ou menos tolerada. Desde o estabelecimento do actual governo, até há pouco, não tinham o direito de existir. As suas igrejas foram fechadas e toda a propaganda religiosa lhes foi proibida. Todos os nossos evangelistas de nacionalidade estrangeira tiveram de deixar o país.

Apesar das circunstâncias adversas, os nossos obreiros espanhóis têm feito o melhor que podem, com a ajuda de Deus, para desenvolver o nosso trabalho. Nas grandes cidades, sobretudo, eles têm baptizado algumas almas todos os anos.

Hoje, as condições são-nos mais favoráveis. Deram-nos permissão de reabrir os nossos lugares de culto. Depois de todos estes anos, durante os quais os nossos membros somente puderam reunir-se em pequenos grupos particulares, eles experimentam uma grande alegria por se encontrarem de novo nas suas salas de reunião.

Um novo dia parece brilhar para a nossa obra na Espanha. Neste país, dominado pelos clérigos, em que as pessoas se mostravam tão indiferentes e em que era difícil, mesmo com a melhor propaganda, conduzir algumas pessoas às nossas reuniões, hoje,

há uma verdadeira fome e sede da Palavra de Deus. As nossas salas são demasiado pequenas, mas presentemente não encontramos maiores. Sem convites especiais, ouvintes afluem, e alguns vão-se por falta de lugares. Se nós quisermos acompanhar convenientemente o belo interesse que se manifesta, é-nos necessário edificar igrejas.

Em toda a Espanha, nós não temos uma única capela, nem qualquer edifício. Nem um tijolo, nem um metro quadrado de terreno nos pertence. A Espanha é o único país da nossa Divisão em que nós não possuímos uma única casa. Não é para admirar que os espanhóis tenham tido a impressão de que nós éramos peregrinos, e que a nossa obra fosse bastante efémera. Sem tardar, devemos, sob o olhar de Deus e com a Sua ajuda, empreender passos que mudarão esta situação. É necessário que as nossas igrejas, em vias de crescimento, tenham edifícios próprios. Urge fazê-lo, não só por que elas disso têm necessidade, mas também para que se saiba que estamos na Espanha para aí ficar até à volta do Senhor.

Estamos certos que as urgentes necessidades da Espanha, em que o Espírito de Deus trabalha os corações de muitos para os conduzir ao aprisco, tocarão os nossos irmãos e irmãs da Divisão Sul-Europeia, e que jovens e velhos se unirão num esforço comum para que a Grande Semana deste ano seja a melhor da nossa história. Lembremo-nos da Espanha. Respondamos ao apelo do Senhor.

A. V. Olson

Departamento da Missão Interior

Espanha

O Parlamento Espanhol adoptou por aclamação, em 13 de Julho de 1945, a carta dos direitos do cidadão espanhol. O artigo 6.º deste documento, declara:

«A profissão e a prática da religião católica, que é a do Estado Espanhol, gozarão de protecção oficial.

«Ninguém será molestado por suas crenças religiosas nem pelo exercício privado do seu culto. Cerimónias e manifestações exteriores, que não as da religião católica, não serão autorizadas».

Em virtude destas garantias, os nossos obreiros avisaram imediatamente as autoridades da sua intenção de abrir salas de culto, a fim de aí celebrar reuniões para membros de igreja; tratava-se, com efeito, do exercício privado de um culto.

Antes do fim do terceiro trimestre de 1945, várias igrejas tinham retomado os seus serviços religiosos, e presentemente todas as igrejas se reúnem, sem dúvida, para a Escola Sabatina e para o culto, assim como para outras reuniões. É um progresso sensível para a nossa obra na Espanha.

Durante a minha recente viagem a este país, assisti a reuniões em seis locais diferentes; e em qualquer deles, membros e amigos manifestaram um verdadeiro zelo em se reunir para ouvir a Palavra de Deus. Pode dizer-se verdadeiramente que raia um novo dia para o Movimento Adventista no meio deste povo. Jamais as perspectivas aí foram melhores.

No decorrer dos últimos anos, um trabalho frutuoso se realizou na Espanha, apesar das restrições impostas à prática do culto. Há, agora, neste país cerca de 450 membros de igreja. Aí tornei a ver os antigos membros, inabaláveis na fé, e a minha alegria não foi pequena ao encontrar novos recrutas cheios de zelo pelo serviço do Mestre. O Movimento Adventista está verdadeiramente em marcha nesta vasta região.

Nós possuímos uma bela juventude nas cidades de Madrid, Barcelona e Valência. Ela começa já a preparar-se para a obra. Desde há vários anos que uma escola se esforça por instruir rapazes e raparigas com este fim. O número de alunos aumenta sem cessar. Uma dezena de alunos estão inscritos no ano lectivo de 1945-46. Mas nós poderíamos facilmente ter o dobro de alunos para o próximo ano escolar.

Um dos nossos jovens acaba de concluir os seus estudos médicos. Um segundo, estará pronto dentro de dois ou três anos. Vários outros vão empreender estudos universitários. Se eles ficarem firmes, poderão contribuir fortemente para o progresso da obra na sua pátria.

Interrompida durante quase dez anos, a colportagem retoma vida gradualmente. Todavia, um grande trabalho nos resta concluir neste capítulo.

Este país tem sofrido muito nestes últimos anos. A adversidade volta por vezes as almas para o Senhor, e nós cremos que ela exerce um efeito salutar sobre o povo espanhol, preparando-o para a recepção do Evangelho de Jesus Cristo. Compete-nos, pois, levar-lhes esta pérola de grande preço.

Possuímos igrejas numa dezena das 47 províncias que formam a Espanha, sem contar as Baleares, as Canárias e o Marrocos Espanhol. Pode dizer-se que a nossa tarefa aí está apenas começada e que devemos tomar medidas para intensificar sem demora a nossa acção. Deve-se pensar em dar à nossa obra um carácter de estabilidade pela erecção de igrejas, sobretudo nas grandes cidades, nas quais não temos nada.

Estamos contentes em pensar que a Grande Semana deste ano reverterá em favor da nossa obra em Espanha. É um pequeno começo muito digno dos nossos melhores esforços. Desejamos a esta campanha um sucesso sem precedentes.

R. Gerber

Do Departamento da Missão Interior
da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia

Grande Semana

O apelo feito pelos Venerandos Irmãos da Direcção em favor da Obra na nossa vizinha Espanha, está sendo no nosso campo coroado do melhor êxito e boa vontade. A julgar pelas animadoras notícias que de quase todas as igrejas da União nos estão chegando, todos, alegremente, têm atingido, e nalguns casos ultrapassado, o objectivo proposto. Resta-nos repetir que, com os nossos donativos, vão também as nossas preces por uma maior messe de almas ganhas em Espanha para o Reino dos Céus.

Ecos da Semana de Evangelização

Muitas, senão todas, foram as igrejas que no nosso campo tiveram uma boa Semana de Evangelização. Os esforços combinados levam sempre o inimigo a bater em retirada. Na igreja de Lisboa, com a preciosa colaboração dos Reverendos Pastores A. Dias Gomes e A. F. Raposo, tivemos o prazer de uma forte Semana de Evangelização. Durante as oito reuniões houve sempre uma boa assistência. Por certo que todos — tanto os amáveis membros de igreja que procederam à distribuição dos convites, como a Juventude em sua oportuna colaboração nas reuniões, como aqueles que foram incumbidos de ministrar o Pão da Vida às almas — todos se devem ter sentido compensados em seus esforços, vendo, por vezes, uma tão atenta e selecta assistência.

Festa das Mães

Pelas notícias que das diferentes Congregações nos têm chegado, constatamos que esta simpática festa promovida pela nossa Juventude em homenagem às mães, foi motivo de muitas bênçãos divinas, atraindo muitas visitas a tais reuniões.

Na Congregação de Lisboa tivemos o prazer de ver a casa completamente cheia de pessoas que responderam ao apelo feito pela nossa corajosa Juventude. Ao findar a reunião quase todas as mães puderam levar uma flor como lembrança de tão abençoada festa.

Na igreja de Tomar sabemos ter havido uma festa que sob muitos aspectos foi um verdadeiro sucesso e que tão cedo, por certo, não esquecerão todos aqueles que a ela assistiram!

De Portalegre informam que a Festa das Mães decorreu num ambiente de grande simpatia e ternura. A espaçosa sala da igreja encontrava-se literalmente repleta. Recitaram-se poesias e executaram-se trechos de música dedicados às mães, constituindo uma nota singularmente emocionante a distribuição de lindos ramalhetes de flores às mães presentes, pelos respectivos filhos e filhas. Os nossos seminaristas devem ter posto, na enternecedora festa, uma boa parte do seu coração, recordando, decerto, a ausência de suas queridas mães.

~

De algumas Congregações que até este momento ainda não recebemos notícias, tanto da Grande Semana, como da Festa das Mães, ou de batismos, queremos acreditar que é mais por falta de tempo do que por não terem também recebido as bênçãos de Deus em seus esforços. O Departamento da Missão do Interior continua a aguardar quaisquer notícias que possam encorajar a todos no grande trabalho da salvação de almas, pois que algumas notícias há que só indirectamente nos têm chegado.

M. Leal

Por motivos alheios à nossa melhor vontade, vimo-nos forçados a fundir os números de Março-Abril e Maio-Junho em um só, para se remediar o atraso da sua publicação.

Os nossos presadíssimos Irmãos e benévolos leitores aceitarão, decerto, as nossas desculpas com o pedido que, muito do coração, lhes dirigimos: ler, meditar e divulgar a nossa Revista, que é vossa, que é a da Igreja.

Os nossos Irmãos da América quiseram partilhar das necessidades das igrejas na Europa e não se esqueceram de Portugal, suas ilhas e colónias.

Carregamentos de milhares de quilos de roupa foram enviados à União e às suas Missões. Claro está que não podiam ser levantados sem pagar os respectivos direitos ou sem autorização governamental. Dirigimo-nos, por isso, ao nosso Ex.^{mo} Chefe do Governo, Dr. Oliveira Salazar, que deferiu o nosso pedido.

Fizemos um agradecimento a Sua Excelência, que foi subscrito por muitos nomes da Congregação de Lisboa, como representantes dos seus Irmãos das outras igrejas.

Na nossa igreja de Lisboa dirigimos orações especiais pedindo as melhores bênçãos de Deus para o nosso Ilustre Chefe do Governo.

Não deveriam esquecer as Congregações de orar, igualmente, para que Deus abençoe, de forma especial, o Ex.^{mo} Senhor Doutor Oliveira Salazar.

As roupas recebidas já começaram a ser distribuídas pelos nossos Irmãos mais necessitados.

Como se compreende, nem todos puderam, desta vez, ser contemplados. Aguardemos com firme confiança novas possíveis remessas que permitirão, decerto, a todos os nossos Irmãos necessitados poder beneficiar da generosa caridade dos nossos Irmãos da América.

Pastor A. Dias Gomes

Director da União Portuguesa



É com grande júbilo que anunciamos a feliz viagem do nosso Director, Pastor A. Dias Gomes, e boa chegada à América. Pelas notícias que regularmente tem dado a sua Família, sabemos que se encontra encantado.

Grande honra é para todos nós, sabermos que o nosso Director se encontra junto dos supremos dirigentes da Obra de Deus, representando o movimento na nossa Pátria. Desta sua viagem estamos certos de que não deixarão de resultar os mais opimos frutos para a causa de Deus em Portugal. O espírito prático e observador do nosso presado Director saberá recolher e anotar tudo quanto de interesse, utilidade e necessidade observar, durante a sua estadia no continente americano, de modo a transplantar para o seu campo de acção o que aqui haja de mister.

Que Deus o acompanhe, sempre, e o abençoe, assim como a sua Família, que entre nós suspira, continuamente, pelo seu regresso — são os nossos mais calorosos e sinceros votos.

Boas e consoladoras notícias da

Roménia

Os leitores da *Revista Adventista* recordarão, de certo, que durante a guerra, se desencadeou uma terrível perseguição contra os nossos irmãos na Roménia. O governo de então dissolveu todas as nossas igrejas e organizações, confiscou todas as nossas capelas e instituições e lançou na prisão muitos dos nossos irmãos. Pouco depois do fim da guerra, recebemos alguns telegramas noticiando que o novo governo nos dava liberdade. Seguidamente, recebemos várias cartas dando-nos boas-novas. Um dos nossos irmãos escreve-nos, dizendo:

«Estamos, agora, graças a Deus, em condições de vos dar as melhores informações sobre o nosso trabalho na Roménia. Desde a cessação das hostilidades, em 23 de Agosto de 1944, a nossa Denominação tem gozado de completa liberdade religiosa. Antes disto, tivemos de sofrer muito... Alguns dos nossos irmãos foram condenados a cinco, oito, dez, quinze e mesmo a vinte e cinco anos de prisão. Mas desde o advento do novo governo, todos eles foram postos em liberdade, incluindo o nosso presado Irmão Popov (um dos presidentes da Conferência), que havia sido condenado a vinte e cinco anos de prisão. Foram-nos restituídos todos os nossos edifícios, que nos haviam confiscado. O Irmão não julgue que a nossa obra na Roménia está em ruína! Pelo contrário! Desejamos que saiba, que nunca, como agora, temos presenciado a realização de um trabalho tão maravilhoso! É uma alegria contemplar a vida nova e o alento que estão a bafejar o nosso trabalho evangélico. Todos os nossos ministros e demais obreiros estão empenhados no trabalho; os colportores estão registando, por toda a parte, triunfos crescentes. Durante algum tempo, a nossa casa publicadora não pôde satisfazer todos os pedidos de publicação. Deste modo, foi necessário recorrermos à ajuda de outras tipografias».

Noutro passo da sua carta, diz-nos que a nossa escola — que sofreu muito enquanto foi empregada por outras organizações religiosas, também como escola — já nos foi entregue e já está a funcionar. Seguidamente, depois de apresentar uma lista de nomes de empregados da União e Conferência local, que durante a guerra ou foram alistados para o serviço militar, ou foram lançados nas prisões, mas que já regressaram aos seus postos — acrescenta: «Por todo o país há um despertar do povo, e os nossos membros estão trabalhando com todas as suas forças para levar por diante a causa de Deus... Não dispomos de recursos suficientes para satisfazer todos os pedidos que nos são feitos.

Orem por nós».

Outro irmão, escreve-nos:

«A nossa causa está progredindo, como nunca se presenciou neste campo.

Assim como a terra árida e sequiosa absorve a água, assim as almas estão absorvendo o Evangelho. O trabalho dos obreiros excede as suas forças. Nem sequer podem começar a responder a todos os apelos da Macedónia. O campo de operações evangélicas está sendo organizado em todas as nossas igrejas. Presentemente, mais de trezentos colportores, além dos nossos membros da igreja, estão trabalhando febrilmente na difusão da nossa literatura. A nossa casa publicadora é insuficiente, só por si, para satisfazer todos os pedidos; por isso, tivemos de recorrer ao trabalho de cinco tipografias. Estamos, agora, a imprimir uma tiragem de 10.000 exemplares da Bíblia.

Apesar da crise do papel, o Senhor tem-nos ajudado a conseguir o suficiente para as nossas necessidades».

Podemos perguntar a nós mesmo, por que estão eles imprimindo a Bíblia. Pela simples razão de que não se encontram Bíblias naquele país. E a Roménia não é o único país da Europa, onde rareiam as Bíblias! Várias pessoas amigas me têm escrito dizendo que muita gente está disposta a pagar preços fabulosos por exemplares da Bíblia em segunda mão! É motivo de grande alegria, quando conseguem uma Bíblia.

Os dois irmãos, que me escreveram e de que acima se fez referência, apresentam-me planos para a abertura de uma obra de assistência médica na Roménia. Têm, agora, alguns médicos, recentemente formados, que estão dispostos a consagrar a sua vida ao trabalho médico missionário entre os seus compatriotas.

Agradecemos a Deus por estas boas-novas recebidas da velha Roménia, onde os nossos dilectos irmãos tiveram de sofrer tantas perseguições, mas onde, também, a causa de Deus realizou progressos maravilhosos, apesar dos obstáculos e dificuldades de todas as espécies.

A. V. Olson

Relatório Financeiro da União — 4.º trimestre de 1945 — enviado à Divisão Sul-Europeia

INSTITUIÇÕES	Mem-bros	Dizimos	Escola Sabatina	13.º Sábado	Juventude	Domingo fim do Ano
Conferência Portuguesa	640	43.996\$80	4.790\$60	1.111\$15	556\$75	3 283\$70
Missão Madeirense	93	5 477\$30	762\$45	465\$25	103\$30	981\$40
Açores	54	8.337\$20	1.212\$45	285\$40	99\$35	640\$00
Cabo Verde	52	3.534\$50	444\$40	58\$10	21\$60	97\$40
S. Tomé	64	3.848\$70	681\$50	580\$60	149\$60	—
<i>Totais.</i>	903	65.194\$50	7.891\$40	2.695\$55	930\$60	5.002\$50

ESCOLA DE S. PAULO



Grupo de alunas da Escola de S. Paulo, de Lisboa, com a sua professora e directora, Irmã Maria Celestina Lourenço

É a primeira vez que vem a público, para mais amplo conhecimento da sua acção, um relatório, embora pouco circunstanciado, da nossa escola em Lisboa.

Como é sabido de todos vós, o nosso colégio funciona com preocupação essencialmente benéfica procurando, a par da educação que todas as crianças devem usufruir, incutir-lhes o respeito por Deus e os ensinamentos de Jesus; como todos os estabelecimentos nestas condições, este nosso tem sofrido muitos e muitos revezes, principalmente do ponto de vista material, que o auxílio do Senhor, ao manifestar-se pelo amparo da nossa comunidade religiosa, tem bastas vezes superado.

A Escola de S. Paulo começou funcionando com o curso de instrução primária em 1935 e pode-se dizer que a sua estreia foi quase auspiciosa em relação ao número de alunos; no ano seguinte, ao ser instalado o 1.º ciclo dos Liceus, esse número aumentou e assim continuou nos anos consecutivos, em que a frequência de educandos ultrapassou uma centena.

Veio depois a separação dos sexos e então o nível atingido baixou, como não podia deixar de ser, em virtude da impossibilidade bem patente de não podermos estabelecer escolas distintas para cada um dos sexos. Optámos pelo sexo feminino e por razões alheias à nossa vontade tivemos que extinguir o 1.º ciclo liceal. Actualmente, portanto, leccionamos apenas a instrução primária e preparamos para a admissão aos liceus.

Apesar de todos os contratemplos não podemos deixar de notar o amparo e o carinho que alguns irmãos — é de destacar a acção sempre pronta e acolhedora do irmão Director A. Dias Gomes — têm dispensado a este departamento, um dos que mais cuidados devia merecer se repararmos bem na sua elevada função de educador e formador de bons

crístãos: instruir os nossos pequenos alunos e guiá-los o espírito, ainda em formação, nos caminhos e na verdade de Jesus.

Apresentaremos agora alguns dados sobre a frequência da nossa Escola nas quatro classes da instrução primária, e para não fatigar muito os nossos leitores indicaremos a média das percentagens em aprovações anuais dos alunos levados a exame oficial, isto é, nas 3.ª e 4.ª classes e exame de admissão aos liceus.

Essa média é de 94%.

A DIRECTORA

Maria Celestina Lourenço

Frequência geral de alunos nos anos abaixo designados

ANO	1.ª classe	2.ª classe	3.ª classe	4.ª classe e admissão	TOTAL
1936 / 37	27	23	7	15	72
1937 / 38	6	10	22	8	46
1938 / 39	22	5	19	16	62
1939 / 40	25	11	17	15	68
1940 / 41	22	16	13	10	61
1941 / 42	10	8	6	10	34
1942 / 43	4	5	6	4	19
1943 / 44	11	3	8	9	31
1944 / 45	12	4	6	10	32
	139	85	104	97	425

Missão de S. Tomé

Relatório financeiro de 1945

Dízimos	5.548\$20	Mais	973\$50 que em 1944
Escola Sabatina	1.468\$90	Menos	79\$40 que em 1944
13.º Sábado	1.053\$80	Mais	7\$50 que em 1944
Grande Semana	830\$30	Mais	613\$80 que em 1944
Campanha das Missões	3.000\$00	Mais	2.000\$00 que em 1944
Colectas dos M. V. Jovens	345\$00	Mais	11\$50 que em 1944
Fundo Pró-Templos	137\$00		
<i>Total</i>	12.383\$20		

O TESOUREIRO

José Simões Grave

Relatório do Director da Divisão Sul-Europeia

na sessão da Conferência Geral de 1946

A Divisão Sul-Europeia

A Divisão Sul-Europeia foi organizada em 1928. Até então, toda a Europa, compreendendo a Rússia, assim como grandes campos missionários da África e das ilhas, estavam a ser dirigidos por uma só Divisão. Numa reunião realizada em Darmstadt, na Alemanha, no outono de 1928, estando presentes numerosos membros da Conferência Geral, assim como representantes de quase todas as partes deste vastíssimo território, foi resolvido dividir a velha Divisão em quatro Divisões.

Para a Divisão Sul-Europeia indicaram-se os seguintes países: França, Bélgica, Luxemburgo, Suíça, Espanha, Portugal, Itália, Jugoslávia, Roménia, todo o Norte da África e grande parte dos Camarões Franceses, na África Ocidental, assim como Madagascar, Ilha Maurícia e grande número de outras ilhas. O total da população deste plebiscado campo é de cerca de 200.000.000 de habitantes. A maior parte destes fartos milhões são gregos ou católicos — o maior bloco católico de todo o mundo.

Quando a nossa Divisão começou a funcionar como organização separada, no dia 1 de Janeiro de 1929, havia neste vasto campo 14.644 membros baptizados, organizados em 530 igrejas. Havia três conferências de união, quatro missões de união com um total de quinze conferências locais e doze campos de missões locais.

Pouco depois da nossa Divisão ter começado a trabalhar, produziu-se um dos piores pânicos financeiros na história em todo o mundo. Este facto causou, naturalmente, uma diminuição nas posses da Conferência Geral, ao mesmo tempo que baixava a entrada dos dízimos e das ofertas nos nossos campos. Apesar desta redução nas nossas receitas já limitadas, os nossos obreiros prosseguiram denodadamente com coragem e confiança. Abriam-se novos campos e o número de membros cresceu de ano para ano. Em fins de 1939, o número de membros havia aumentado para 32.180 — um lucro nítido de 17.536 num período de onze anos. Se não fora a guerra, temos boas razões para acreditar que o número de membros em 1939 poderia ter duplicado.

Durante os últimos dez anos, o nosso campo raramente tem estado liberto dos horrores da guerra. Mal os nossos delegados haviam regressado da Conferência Geral de 1936 quando rebentou a feroz guerra civil da Espanha. Durante alguns anos rugiu a procela, causando terrível destruição de vidas e de haveres. A seguir, desencadeia-se em toda a sua fúria a segunda guerra mundial. Jamais o mundo presenciou outra guerra de tanta magnitude e terror. Nunca até então se presenciara tanta carnificina e destruição. Durante seis longos anos experimentámos os horrores e sofrimento deste pavoroso conflito. Muitas das nossas opulentas cidades foram destruídas e arrasadas, e milhares de aldeias ficaram reduzidas a montões de escombros. Destruíram-se os nossos sistemas de transportes e paralizaram as

nossas indústrias. Milhões de seres humanos — soldados e civis — perderam as suas vidas, enquanto que tantos outros milhões ficaram sem os seus lares e haveres.

Agora, graças a Deus, a guerra acabou, mas não findaram as suas consequências e resultados. Por toda a parte se avistam destroços e ruínas. Multidões de esfomeados e de desalentados ainda buscam, ansiosamente, pão para matar a fome e um tecto para se abrigar. Por toda a parte se avistam mutilados e estropiados, viúvas e órfãos. O trabalho da reconstrução, moroso e difícil, exige muitos anos de trabalho árduo e penoso por essa Europa fora, para se reerguerem as cidades e aldeias arrasadas, para se tirar do caos a ordem, da pobreza a riqueza. Enquanto não se realizar este objectivo, jamais a Europa recuperará o seu antigo lugar. As alterações e transformações que sofreu foram tão profundas que só à custa de grandes e titânicos esforços se poderá recompor. Será desnecessário dizer que estes anos de borrasca e de lutas trouxeram muita perplexidade, dificuldades e sofrimentos aos nossos irmãos e irmãs na Europa do Sul, que foi um dos principais teatros da guerra. Muitos deles tiveram de deixar os seus haveres e fugir diante dos exércitos invasores para se refugiarem em terras estranhas. Alguns perderam os seus lares, muitas famílias se dispersaram e, durante meses, — quando não anos — estiveram sem notícias dos seus entes queridos. Durante muitos dias tiveram de perder infindáveis horas para procurar alimento.

Mas em todas estas provações tiveram sempre a consciência da presença de Deus. Felizmente que poucos perderam as suas vidas em bombardeamentos e batalhas. Na Sua grande misericórdia, o Senhor estendeu sobre eles as asas da Sua divina protecção. Milagrosamente, Ele os protegeu do mal e da morte. Tão notáveis foram as manifestações desta divina protecção, que muitos dos seus vizinhos corriam, com frequência, a refugiar-se com eles quando se aproximavam os bombardeiros. Com o Salmista também podemos exclamar: «Louvem ao Senhor pela Sua bondade e pelas Suas maravilhas para com os filhos dos homens» (Salm. 107:8).

Para a obra de Deus, criou a guerra tremendos problemas e dificuldades. A mobilização geral arrebatou-nos de quase todos os nossos campos e instituições, os obreiros na idade militar, deixando-nos, assim, uma escassa linha para o trabalho. Em muitos lugares, as autoridades militares ocuparam as vastas salas de conferências públicas. Tivemos de lançar mão de pequenas salas sem luz nem aquecimento. Outras dificuldades sérias provieram dos «black-outs» e dos bombardeamentos frequentes. A evacuação de cidades e as repetidas transferências de populações de um país para outro, também perturbaram muitíssimo os nossos esforços. Muitas vezes destruíram os nossos planos e causaram-nos a perda de várias igrejas e de valiosos obreiros. Em aditamento a todas estas causas há que acrescentar que violentas

perseguições se moveram contra nós em vários países. Na Espanha foram encerradas as nossas salas de culto e proibido o nosso trabalho. Quando a Alsácia foi anexada pela Alemanha, foram dissolvidas as nossas organizações e confiscadas as igrejas. Todos os obreiros foram removidos do campo, excepto o tesoureiro, mas foi obrigado a assinar uma declaração de que se comprometia a não receber fundos dos membros. Na Croácia, foram também encerradas todas as nossas salas de culto. Na Croácia, como na Alsácia, tornou-se ilegal todo o nosso serviço religioso, incluindo a Escola Sabatina, mesmo celebrado em casas particulares. Foram proibidas as ofertas e a recolha dos dízimos. Na realidade, consideravam-se como não existindo os Adventistas do Sétimo Dia. Muitos dos nossos irmãos da Jugoslávia morreram como mártires, não traíndo a sua fé em Deus. A mais terrível de todas as perseguições eclodiu na Roménia, onde tínhamos mais de vinte mil membros baptizados e muitos outros milhares nas nossas escolas Sábatinas. De um só golpe, foram dissolvidas a nossa conferência da união, as conferências locais e todas as nossas igrejas, em número de 500. A nossa escola de preparação, a publicadora e todos os edifícios das igrejas — entre duzentos e trezentos — foram-nos confiscados. Igualmente nos confiscaram os fundos da igreja e da conferência. A seguir, veio a prisão dos nossos membros. Mais de quatro mil dos nossos irmãos e irmãs foram encerrados em prisões. Muitos deles foram condenados a 25 anos de prisão e outros condenados à morte. Esta cruel perseguição constitui um dos capítulos mais negros da história da Roménia.

Não obstante todas estas provações, dificuldades, obstruções e perseguições, o trabalho de Deus na Divisão Sul-Europeia não pereceu. Sob a mão protectora de Deus, o trabalho sobreviveu e progrediu embora paulatinamente.

Com forças muito reduzidas e em circunstâncias desfavoráveis, não foi possível realizar o mesmo progresso que teria podido ser levado a cabo em condições normais. Certos campos perderam membros. Assim sucedeu na Alsácia, onde muitos dos nossos irmãos foram deportados pelo inimigo e onde ficámos sem obreiros, e, como já dissemos, foi proibida toda a espécie de serviço religioso. Na Roménia, onde residiam mais de 60 % de membros de toda a Divisão Sul-Europeia, o número de membros no fim da guerra era de cerca de metade do número dos mesmos quando ela rebentou. Em consequência da anexação, pela Rússia, das províncias da Bessarábia e do Norte da Bukovina, a União Romena perdeu uma das suas maiores conferências com um total de vários milhões de membros. Também as deportações em massa roubaram à União centenas de outros membros, que foram levados para países fora da Divisão. Ainda uma trágica lista necrológica, devida às privações e horrores da guerra, dizimou aqui, como em muitos outros campos, as nossas fileiras.

Com muitos dos obreiros e ministros das igrejas quer na prisão ou no serviço militar, com outros proibidos de trabalhar por decreto governamental, e ainda com todos os serviços das igrejas suspensos, foi impossível à Roménia recrutar novos membros para preencher tais e tantas perdas.

Em todas as outras terras, a nossa Divisão, tanto no interior como nos campos das missões, teve um belo crescimento. Em alguns campos, os baptizados foram em maior número do que antes da guerra. Isto mesmo aconteceu, até, em certas partes onde se de-

deixou a perseguição. Nas colunas da *Review and Herald*, já tivemos oportunidade de falar de alguns dos meios engenhosos adoptados por diferentes obreiros, nos seus esforços para nos informarem, durante a guerra, dos seus êxitos na conquista das almas, através de mil dificuldades.

Devido à interrupção de comunicações e, muito especialmente, devido à severidade da censura militar e a outras causas — bastante numerosas para aqui as mencionarmos — não foi possível, durante a guerra, compilar nem transmitir estatísticas. Só agora, algumas das conferências têm podido dar-nos números aproximados dos seus actuais membros. Por isso, não estamos habilitados a fornecer um relatório estatístico detalhado de 1940 a 1945. Deste modo, tornam-se impossíveis as comparações.

Também são difíceis as comparações devido às numerosas alterações territoriais que se têm registado. Calcula-se que devemos ter perdido seis ou sete mil membros devido a deportações e à transferência da Bessarábia e dos Camarões. Esta perda tem sido mais que compensada pela transferência da Grécia, Bulgária, Hungria, Áustria e Checoslováquia para a nossa Divisão. Devido às transplantações das populações que ainda se está realizando nestas terras, os nossos obreiros ainda não nos puderam fornecer os números exactos dos seus actuais membros, mas tanto quanto pudemos apurar, o total deve ser entre oito e nove mil almas. Isto significa que a Divisão Sul-Europeia, como agora está delimitada, tem para cima de 40.000 membros. Baseando-nos na média do aumento dos anos de antes da guerra, tal número está abaixo do que teria sido se a guerra não houvesse obstruído nem dificultado os nossos esforços, e ainda está muito abaixo do que esperávamos.

Não podemos, contudo, deixar de dar graças a Deus por nos haver permitido realizar a Sua obra no meio de tantas e tão graves dificuldades e de maneira tão esplêndida. Em vez de jazer em ruínas, como acontece com tantas outras organizações e instituições, na Europa arrasada, a Divisão Sul-Europeia está maior e mais forte do que nunca. A mecânica da conferência está intacta e a funcionar bem. Por toda a parte tem vida e actividade. Na Alsácia e em todos os países balcânicos, onde as nossas organizações foram dissolvidas e proibidas as nossas actividades, gozamos, agora, de plena liberdade. Foram-nos restituídas as propriedades confiscadas, abriram-se as portas das prisões e todos os nossos dilectos irmãos e irmãs foram postos em liberdade.

O cuidado de Deus para com as nossas propriedades

Todos nós glorificamos a Deus pela maneira como Ele protegeu e cuidou dos edifícios das nossas igrejas e instituições. Muitos deles erguem-se, hoje, no meio de montões de ruínas, como testemunhos silenciosos da amável protecção de Deus. As multidões maravilham-se quando contemplam como aqueles nossos edifícios foram preservados da destruição que em volta, nada poupou. Da Roménia, escreve-nos o presidente da união dizendo que muita gente se convenceu de que Deus não permitiu a destruição das nossas capelas. Dizem estas pessoas que as capelas pertenciam a Deus e que por isso delas cuidou. Durante os bombardeamentos aéreos, aquela gente mostrava a sua fé correndo a refugiar-se nas nossas capelas confiscadas.

Na França e na Bélgica perderam-se duas pequenas capelas. Não sabemos por que haja Deus permitido esta perda; talvez por Ele ver que já eram demasiadamente pequenas. Assim que haja material próprio, os irmãos daqueles países esperam erigir outras capelas maiores e melhores para substituir as antigas.

Além destas duas capelas que ficaram completamente destruídas, poucas outras receberam leves prejuízos, que já foram completamente reparados.

Durante as batalhas finais em Budapeste, a nossa casa publicadora ficou gravemente danificada pela explosão de uns depósitos de munições que estavam perto. Estão-se a fazer as reparações necessárias e esperamos que bem depressa as oficinas voltem a funcionar.

As nossas escolas

As nossas escolas na Europa do Sul foram algo perturbadas nos últimos anos. A nossa escola da Roménia foi-nos tirada e destinada a escola de meninas, da igreja do Estado. Também na Jugoslávia fomos obrigados a fechar a nossa escola, em consequência da perseguição. Deste modo, os nossos jovens, nestes países, ficaram privados da educação cristã. O resultado é que as conferências não têm, agora, jovens prontos a preencher as vagas de muitos obreiros que, ou morreram, ou foram deportados, ou atingiram o limite da idade, ou estão inválidos. Os dirigentes locais não sabem para onde voltar-se, para encontrar obreiros que respondam aos urgentes apelos de trabalho.

A escola da Roménia voltou, de novo, às nossas mãos, mas deverá, ainda, passar algum tempo até que ela possa preparar um grupo de novos obreiros.

Antes da guerra, o nosso seminário em França servia todos os campos latinos da Europa Ocidental. Imediatamente após a declaração de guerra, fecharam-se as fronteiras. Isto significou que os nossos jovens que viviam fora da França não puderam ir para o seminário. A maior parte dos estudantes estrangeiros que estavam na escola puderam ficar até completar os seus cursos, mas pouquíssimos puderam atravessar a fronteira através das linhas alemãs. Tal situação causou, como era natural, uma grande redução no recrutamento dos nossos jovens. Pôde, contudo, a escola funcionar durante toda a guerra. Deste modo, o seminário pôde fornecer, anualmente, alguns novos obreiros para o campo. Por isso, a França nos deu, recentemente, um certo número de jovens obreiros para as nossas missões.

Que o nosso seminário de Collonges funcionou, durante a guerra, como por milagre, não custa muito a acreditar. Exércitos inimigos acamparam muito perto dele. Várias vezes se projectou acabar com a instituição, mas sempre se sentiu a intervenção de Deus.

Hoje, o seminário está repleto de estudantes, principalmente da França e do Norte da África, pois os vistos de passaporte ainda são difíceis de obter para os estrangeiros. Como na antiga escola dos profetas, os nossos estudantes também exclamam: «Quão estreito é o lugar que habitamos!».

Infelizmente, a sala de que se necessita não pôde, ainda, ser construída com algumas vigas cortadas de alguma floresta próxima com machados emprestados! Numa reunião recente da direcção, foi votada a compra de dois edifícios adjacentes à nossa propriedade.

Um pouco antes da guerra, abriu Portugal uma pequena escola bíblica no edifício da igreja de Lisboa; servia de dormitório um aposento arrendado.

Este arranjo estava longe de ser satisfatório. Fizeram-se diligências para se encontrar um melhor lugar. Encontrou-se um antigo convento pertencente a particulares, precisamente nos arredores da cidade de Portalegre. A Conferência arrendou-o com a quinta em que está situado, por uma modesta soma, e há dois anos transferiu-se a escola para ali. Abriu-se, assim, em Portalegre, sob a direcção do irmão Enoch Hermanson, uma nova era para a nossa escola de Portugal.

Até que se possa providenciar por algo de definitivo, os nossos irmãos de Portugal sentem-se muito satisfeitos e agradecidos por possuírem esta bela e cómoda propriedade. Este pequeno instituto já forneceu vários obreiros, não só para Portugal e ilhas dentro da União Portuguesa, mas também para as colónias portuguesas na Divisão Sul-Africana. Uma grande responsabilidade pesa sobre a nossa escola de Portalegre. Por isso, devemos ter em vista a necessidade de aumentar novas admissões para reforçarmos não só as colónias portuguesas na África e ilhas, como também na Conferência. Torna-se, portanto, um dever imperioso ajudar e encorajar esta nossa escola, a fim de que ela possa satisfazer, plenamente, os pedidos que lhe forem feitos no futuro.

Quando, por causa da guerra, se tornou impossível aos nossos jovens italianos atravessar a fronteira para frequentar o nosso seminário na França, foi resolvido abrir uma escola no edifício do velho escritório na Via Trieste, em Florença. Tal resolução causou grande alegria e coragem aos nossos crentes na Itália. Apesar da guerra que se desencadeou furiosamente sobre este infeliz país, a escola nunca fechou as suas portas. Feriram-se batalhas mesmo junto do edifício. Combatia-se rua acima e rua abaixo na Via (rua) Trieste. Uma granada levou parte do telhado do nosso edifício; professores e estudantes permaneceram nos seus postos.

Vários diplomados pela escola de Florença entraram já na vida activa e outros em breve estarão prontos.

Durante a guerra, quando poucos jovens podiam frequentar a escola, bastava aquela velha casa. Agora, porém, já não pode acomodar metade dos que desejam entrar. Além disso, uma cidade grande e populosa não é o melhor lugar para uma escola permanente dos Adventistas do Sétimo Dia. Pela luz que nos foi dada através do Espírito de Profecia e ainda através da nossa própria experiência de alguns anos, sabemos que o campo é o lugar ideal para tais institutos.

No passado outono, a Conferência Geral destinou 50.000 dólares para a escola italiana; estão-se enviando os melhores esforços para se encontrar um local apropriado nos arredores de Florença.

Trabalho de publicações

O nosso trabalho de publicações foi muito dificultado com a guerra. Maravilha foi que não haja sido totalmente destruído. Em primeiro lugar, a maior parte dos nossos colportores foi levada para o serviço militar. Outros tombaram nas linhas de batalha. A interrupção de comunicações e de transportes impossibilitou, como é óbvio, o trabalho de colportagem. Nos países onde reinou a perseguição, as autoridades fecharam as casas publicadoras e proibiram a venda das nossas publicações. De resto, pouco a pouco, também o papel quase se chegou a acabar em muitos países.

Quando era possível obter fornecimentos, os colportores continuavam o seu trabalho com bom êxito.

Na França, por exemplo, vários destes fiéis, intrépidos servos do Senhor, venderam mais num mês do que tinham vendido em todo um ano, antes da guerra. Felizmente, a casa publicadora francesa tinha o seu *stock* de livros e de papel atulhado até ao tecto, quando rebentou a guerra. Isto, simultaneamente, com outra pequena quantidade de papel que tinham distribuído, permitiu-lhes, na França, poder trabalhar, embora em escala reduzida, até ao fim da guerra.

Quando a Suíça foi tirada da casa da França, o *bureau* da Divisão mudou-se para um escritório editorial. Os irmãos W. R. Beach e R. Gerber aceitaram, amavelmente, o trabalho editorial da *Revue Adventiste, Vie et Santé, Les Signes des Temps e Leben und Gesundheit*. Estes e outros jornais, assim como grandes quantidades de livros e folhetos tanto em francês como em alemão foram impressos para nós, por firmas que não são nossas, na Suíça. Assim foi possível manter os colportores e as igrejas bem fornecidas de literatura em todo este tempo.

Com a bênção de Deus, a União Suíça vendeu mais das nossas publicações durante a guerra, do que antes. Na Itália, em Portugal e na Hungria as vendas também foram boas.

Desde o fim da guerra que se têm envidado os maiores esforços, em todos os campos, para se reorganizar o trabalho de colportagem. Têm-se preenchido as vagas de chefes de colportores e tem-se estado a recrutar e a treinar novos batalhões de colportores. Na Roménia, onde não havia um único livro evangelista no fim da guerra, há agora entre trezentos e quatrocentos. Estão sendo procurados com tal êxito que as nossas tipografias não podem satisfazer os pedidos. A nossa casa publicadora em Bucareste teve de chamar mais cinco impressores para a ajudarem. «Foi o Senhor que fez isto, e é coisa maravilhosa aos nossos olhos» (Ps. 118:23). É um novo dia para o nosso trabalho de publicação na velha Roménia.

Trabalho médico

Em toda a Divisão Sul-Europeia, há, apenas, um sanatório. Está situado nas margens do Lago Lemano, a meio caminho entre Lausana e Genebra. Aqui há, também, uma fábrica de bons produtos alimentares. Além destas duas instituições temos uma casa de repouso na Argélia, Norte da África, e uma pequena fábrica de produtos alimentícios em Paris.

Com o encerramento das fronteiras, devido à guerra, o nosso sanatório perdeu a sua clientela estrangeira.

Isto foi, naturalmente, um duro golpe para a casa, pois muitos dos hóspedes vinham de países estrangeiros. Vários institutos médicos tiveram de fechar as suas portas por falta de negócio. Durante algum tempo o panorama apresentou-se sombrio, mas o Senhor ouviu as nossas orações. Gradualmente a clientela foi aumentando a tal ponto que as salas não foram bastantes para receber todos os pedidos. Torna-se necessário preparar mais quartos. O sanatório está fazendo bom trabalho. Tem um grande círculo de preciosos amigos, tanto dentro como fora da Suíça. A fábrica de produtos alimentícios de Gland fez mais negócio durante a guerra do que nunca antes fizera. Poderia ter feito muito mais se houvesse obtido a matéria-prima necessária. A fábrica de produtos alimentícios de Paris vai ser trans-

ferida para o seminário de Collonges-sous-Salève, onde poderá desenvolver-se e fornecer meios aos estudantes para poderem pagar as suas despesas escolares.

A Roménia pede um sanatório. Cedo virá a tê-lo. O mesmo podemos dizer para a França, Itália, África do Norte e outros países. Tais instituições são hoje mais necessárias que nunca na Europa devastada pela guerra.

Que Deus abra, graciosamente, o caminho para estas necessidades!

Programa de construções

Devido à falta de material, o nosso programa de construções teve de se sustar em muitas partes. À excepção de poucas capelas, nada mais se pôde fazer na secção de construções. Em Paris e noutros lugares da França, comprámos terrenos para construções, e logo que haja material conveniente, começaremos o trabalho de construção. Na Suíça, temos o dinheiro na mão para uma bela igreja na cidade de Berna, a capital. Aqui, a nossa, que tem sido sempre uma verdadeira peregrina, deslocando-se de sala para sala, alegra-se por saber que dentro em breve terá edifício próprio. Estamos, também, procurando local em duas outras cidades suíças para a construção de capelas.

Graças ao generoso auxílio da Conferência Geral, várias igrejas da Itália terão brevemente as suas próprias casas de culto. Uma cómoda capela está-se, agora, a construir em Milão, a grande cidade industrial da Itália do Norte.

No Porto, a segunda cidade de Portugal, comprou-se, há poucos meses uma grande casa. Com algumas obras e melhoramentos poderá vir a ter capacidade para quatrocentos ou quinhentos lugares, além de dois pequenos «halls» e ainda residência para o pastor. Temos também outros projectos de construção nas missões e noutras partes.

Os nossos campos missionários

Para os nossos campos missionários trouxe a guerra a sua sombra de perplexidade e de provas. Alguns deles tornaram-se campos de batalha. Todos, excepto os arquipélagos portugueses, ficaram separados das casas-mães, o que significa que não podiam receber visitas dos dirigentes da Divisão, e que nem novos missionários podiam para lá ir. Estiveram também ameaçados de se verem privados de qualquer apoio financeiro do exterior. Quando rebentou a guerra, muitos dos missionários nos respectivos campos, tinham acabado ou estavam a findar o seu tempo de trabalho e estavam para regressar, de licença, a suas terras. Mas, quando souberam que não poderiam ser mandadas novas famílias para os substituir, escolheram permanecer nos seus postos, sem olhar aos perigos que isso representava.

Os nossos fiéis missionários merecem os melhores louvores pelo espírito de lealdade e de sacrifício que manifestaram. Onze longos anos — e mais — trabalharam nos climas tropicais, sem serem substituídos nem terem férias. Um trabalho extenuante exigiu grandes esforços. Na Sua bondade infinita, dignou-se Deus preservar e sustar os Seus servos. Nenhum teve férias. Muitos deles estão agora de licença e outros aguardam meios de transporte. Já vários novos recrutados para lá seguiram e tantos outros estão nomeados esperando, apenas, os transportes. *O pe-*

queno Portugal merece menção especial pelo grande número de missionários que enviou durante a guerra para as ilhas da União Portuguesa e para as colónias portuguesas da Divisão Sul-Africana.

Perspectivas

Antes de encerrar um relatório deste género, é costume dizer algo sobre as perspectivas para o futuro. Humanamente falando, são elas sombrias e tristes. Os corações sentem-se pequenos quando contemplamos a desolação, o caos político, o colapso económico e a degenerescência moral por toda a parte. Apesar deste quadro lúgubre os filhos de Deus estão cheios de esperança. Pela fé podem eles «ver o resplendor da manhã dourada saindo através da escuridão». Couraçados na palavra profética sabem que a terra vai ser em breve cheia da luz gloriosa da verdade eterna de Deus. Sabem que as maiores vitórias para a igreja remanescente estão à porta.

Para mim, as perspectivas para o trabalho de Deus na Europa do Sul mostram-se mais radiosas e mais prometedoras do que jamais, desde que me lixei a este campo há vinte e seis anos. Parece que raiou um novo dia para nós, na Divisão Sul-Europeia. Em todos os países, excepto num, temos plena liber-

dade de proclamar a mensagem tanto pelos escritos como pela palavra. Nunca antes gozámos tal liberdade para pregar a mensagem, e nunca antes, como agora, tem havido tanta fome e sede do pão e da água da vida. Em muitos lugares, muita gente está aceitando a verdade. O ano de 1945 presenciou o maior número de baptismos jamais administrados num só ano desde o início da organização da nossa Divisão. Só na Roménia se baptizaram mais de 3.500. O presente ano promete ser ainda mais frutuoso. Muitas das nossas salas de reunião estão-se tornando demasiado pequenas. De um dos nossos campos informam que devem ali pregar nos degraus da igreja porque a sala já é muito pequena para conter a multidão dos fiéis.

As nossas casas publicadoras são incapazes de atender os pedidos crescentes para os nossos livros e revistas.

Sim, irmãos e irmãs, há «um estrondo de marcha pelas copas das amoreiras» (II Sam. 5:24). É tempo para nós de ir com decisão para a batalha, porque Deus vai à nossa frente. O inimigo é forte; os problemas são às legiões e os obstáculos são altas montanhas, mas com Deus, a vitória é certa.

A. V. Olson

(Director da Divisão Sul-Europeia)

Outubro-Dezembro de 1945

Departamento de Colportagem

Relatório de Vendas

NOMES	Horas	Revistas	Venda de Livros	Total	Território
Alunas do Seminário	99	3.485\$00	—	3.485\$00	Província
Elisa de Jesus Simões	175	3.256\$50	—	3.256\$50	—
Vasco Baptista Tavares	—	887\$00	1.425\$00	2.312\$00	Cabo Verde
Manuel M. Lima	—	539\$00	1.436\$00	1.975\$00	—
Missão Açoriana	—	1.167\$60	165\$00	1.332\$60	—
Augusta Vasco e M. Luísa	196	606\$00	—	606\$00	Lisboa
Sara e Emília Noivo	14	544\$00	—	544\$00	Santarém
Olávio da Glória Sacramento	94	340\$00	—	340\$00	Província
Eduardo Pinto da Silva	65	—	337\$60	337\$60	Província
José Augusto Júnior	55	205\$50	—	205\$50	—
<i>Totais</i>	698	11.030\$60	3.363\$60	14.393\$50	

O CHEFE DOS COLPORTORES

Samuel Reis

Janeiro de 1946

Departamento de Colportagem

Relatório de Vendas

NOMES	Horas	Revistas	Venda de Livros	Total	Território
Missão de S. Tomé (atrasado)	—	2.107\$00	4.583\$00	6.590\$00	—
Elisa de Jesus Simões	175	1.931\$00	—	1.931\$00	Província
Maria Luísa e Augusta Vasco	195	1.128\$00	—	1.128\$00	Lisboa
Olávio da Glória Sacramento	151	870\$00	—	870\$00	Província
Eduardo Pinto da Silva	112	—	630\$00	630\$00	Lisboa
<i>Totais</i>	633	6.036\$00	5.113\$00	11.149\$00	

O CHEFE DOS COLPORTORES

Samuel Reis

da Igreja de Lisboa

Alguém disse: A Juventude é o braço direito de Deus.

Com efeito, a Juventude constitui uma força, é elemento que movimenta e atrai. Senão, veja-se:

Quando queremos ver cheia a sala de culto, basta apenas anunciar uma festa levada a efeito pelos rapazes e meninas e o objectivo, sem mais esforço ou despesa, é logo conseguido. Ainda no passado dia 30 de Maio, o facto foi constatado, quando da realização da Festa das Mães. Sala literalmente cheia. Do que foi esta festa, di-lo-ão as pessoas que a ela assistiram, que tanto quanto nos foi possível observar, agradou plenamente. Como sempre, os mais pequeninos dedicaram às suas mães lindas poesias alusivas. Cantaram e tocaram, enaltecendo o nobre e sublime amor de mãe, — abaixo de Deus, o melhor.

O pastor Irmão Manuel Leal, no intervalo, dirigiu à assistência algumas palavras sobre o significado da festa.

A ultima parte constou de coros femininos, trechos ao piano e, a terminar, o coro da Igreja executou três números do seu repertório. Antes de pôr ponto final, foi oferecido às mães presentes uma rosa acompanhada de um pequeno cartão contendo um trecho Bíblico.

Com muita saudade foi recordado o nosso preado Irmão Dias Gomes, ausente no estrangeiro, e como preito de homenagem, uma gentil menina ofereceu a sua esposa e filhos um ramo de flores.

Foi igualmente recordada a jovem Maria Manuela Graça, também ausente por doença, a quem igualmente foi oferecido outro ramo de flores.

Eis a traços largos o que foi a nossa singela Festa das Mães, da qual podemos destacar o ambiente familiar em que decorreu e o carinho sempre tão simpático com que todas as mães presentes foram rodeadas.

Esta festa estava integrada na semana da Juventude, que principiou no dia 25. Nesse dia usaram da palavra os Irmãos Subdirector das jovens e o Pastor Leal, que falaram respectivamente sobre «O ideal que o mundo oferece à Mocidade» e «O ideal que Deus oferece».

No domingo, o Irmão J. Nunes Branco realizou uma brilhante conferência sobre o ideal conventual

e o activo, finda a qual assistimos à exibição de três filmes: Um, sobre a vida de Jesus, outro, sobre o congresso adventista há anos realizado no seminário de Collonges, e ainda outro, feito com a Juventude de Lisboa.

Na terça-feira dissertou o Pastor Leal, tomando como tema: «Como manter a pureza da alma».

Alguns jovens deram publicamente o seu testemunho, agradecendo a Deus o facto de fazerem parte do seu povo, prometendo, com a Sua ajuda, realizar mais e melhor no futuro.

Finalmente, no sábado dia 1, foi encerrada a Semana com um culto, cujo tema principal foi: «O que Deus espera da Juventude», do qual queremos destacar três pontos principais:

a) Deus espera que os seus jovens filhos cumpram o seu dever:

1.º — Teme a Deus e guarda os seus mandamentos porque este é o dever de todo o homem;

2.º — Que cada um busque do céu a força precisa para combater os seus defeitos;

3.º — Que todos ponham em prática os dons que a cada um Deus concede em favor dos que ainda jazem nas trevas.

O Irmão Pastor Leal fez um apelo a todos os jovens presentes que ainda não são baptizados e que queiram fazê-lo.

Foi para nós uma alegria imensa ao constatar que após um mês em que dezassete queridos jovens se entregaram a Deus pelo baptismo, doze mais se levantaram prontos a dar o mesmo passo. Praza a Deus que também estes, juntamente com outros que ainda se juntarão ao grupo, tomem a divisa dos dezassete que os precederam — «Para a eternidade».

José Graça



Maio de 1946 — Uma parte da gentil juventude feminina de Lisboa com o Director, Irmão José Graça



Maio de 1946 — Alguns dos vigorosos jovens de Lisboa

Conhecer a Deus

AOS DIRECTORES

Esta reunião pode determinar o carácter da actividade dos M. V. para o ano inteiro, esboçar de algum modo o género das reuniões e a sua frequência. Estabelecei com antecedência um programa. Insisti junto dos que têm a responsabilidade para que consagrem o tempo necessário à preparação do papel que lhes é confiado. Escolhei para colaboradores desta reunião, jovens activos, sinceros, que conheçam a Deus por experiência pessoal.

Um trecho de música vocal ou instrumental como prelúdio, criará uma atmosfera de recolhimento propício. Se se pudesse fazer da reunião de jovens o centro espiritual das actividades dos M. V., como deveria ser, obter-se-iam grandes resultados. Lembremo-nos que a sociedade de jovens pode e deve ser um meio para ganhar jovens a Cristo. Durante o ano, mantendo sempre perante a sociedade, por poesias, incidentes ou experiências, a importância de

Conhecer a Deus

É preciso encorajar os grupos de oração. Os jovens que lêem a Bíblia durante o ano, ou participam no plano combinado da leitura da Bíblia e dos livros do Espírito de Profecia, devem apresentar o seu relatório regularmente. O interesse por estas duas últimas actividades pode ser despertado, relacionando-o com um facto posto em relevo no curso da leitura da semana anterior.

Os dados gerais deste programa são intencionalmente breves para que os jovens responsáveis da reunião possam introduzir nele a sua nota pessoal.

Departamento dos M. V.

Comunhão com Cristo na Oração

1946 abre para um novo mundo, um mundo onde o estrondo dos canhões, os gritos dos feridos e o sibilar das bombas terminaram. No estranho silêncio, todos os homens estão cheios de inquietações. Agora, que a tensão causada pela guerra diminuiu, os homens pensam em lançar-se para o outro extremo — calcar a pés a moral e a verdade. Nós, juventude adventista, temos necessidade, mais do que nunca, de edificar e defender uma torre de poder neste mundo de incerteza. O General Mac-Arthur, no seu discurso pronunciado em Tóquio, no dia da vitória, reconheceu a necessidade de um despertar espiritual. «Em todos os tempos, diz ele, os homens têm procurado a paz. Diversos métodos empregados através dos séculos, têm procurado um sistema internacional para prevenir e resolver as dificuldades entre as nações... Alianças militares, equilíbrio de poder, Sociedade das Nações têm fracassado, deixando como única saída o caminho da guerra... Se não inventamos agora um sistema maior e mais equilibrado, o Armagedom virá depressa. O problema é teológico na sua essência e compreende um me-

lhoramento e recrudescência espirituais do carácter humano que devem acompanhar o avanço incomparável na ciência, na arte, na literatura e com todos os desenvolvimentos materiais e culturais destes dois últimos milénios. O espírito deve agir se quisermos salvar a carne».

Os grandes homens do mundo reconhecem a necessidade de uma força espiritual para salvar a humanidade. Esta força está ao nosso alcance. Como exército de Cristo, mantemos e edificamos esta força espiritual no mundo. Com uma inalterável fé e confiança em Deus, mantida pela comunhão com Cristo por meio da oração, iremos arrancar muitos outros jovens às incertezas da época actual e ajudá-los-emos a encontrar e a guardar as verdades que amamos tanto — as certezas de Deus.

Mas antes de o poder fazer, devemos conhecer Jesus como amigo pessoal. Se não mantivermos uma comunhão constante com Cristo, os nossos esforços, ainda que grandes, serão vãos. Esta preparação só se pode obter pela comunhão com Deus por meio da oração. (Aqui, o prégador deve realçar certos parágrafos tirados do capítulo «O privilégio da oração» em *Aos Pés de Cristo*. Encorajai os jovens a dedicar o tempo indispensável à oração particular).

Consagrar cada manhã, regularmente, um momento à oração e à devoção é muito essencial para a nossa vida espiritual. Não apresseis o vosso culto matinal. Que o texto da vigília sirva de guia aos pensamentos desse dia. Estes versículos inspirar-vos-ão nas actividades e problemas da vida. É importante, quando oramos, pedir o que necessitamos e orar por certas pessoas cujos nomes formam a nossa lista de oração. Deus gosta que lhe peçamos o Seu auxílio.

Há um poder na oração. Há uma força na acção conjugada. Daniel sentia a necessidade de orar para manter o contacto com o céu; nós também deveríamos orar repetidas vezes. Seria maravilhoso se, em qualquer lugar, escolhêssemos uma hora cada dia e nos uníssemos a toda a juventude adventista numa prece silenciosa ou audível para pedir a Deus o Seu Espírito e a força necessária para as dificuldades da vida. Pensemos nisto, e tomemos a resolução de participar neste plano de devoção universal — a devoção matinal. Se assim fizermos, pensando que nos juntamos a milhões de jovens, possuiremos a força e a fé para vencer os problemas e as tentações da vida.

Comungar com Cristo pelo estudo da Bíblia

Hoje fala-se muito dos heróis. A história contém numerosos exemplos deles e os jovens lêem e aprendem a sua vida e os seus feitos com orgulho. No coração nasce-lhes o desejo de os imitar.

Todavia, superiores a esta história são os relatos bíblicos de actos heróicos realizados pelos homens e por Deus. Além de serem uma inspiração para o leitor, dar-lhes-ão a salvação. Mais ainda: para todos os que, a par desta vida, pensam na eterna, é absolutamente necessário o estudo e meditação da palavra de Deus. É o meio que Ele nos oferece para nos livrar do pecado e do mundo pecador. «Guardai a tua palavra no meu coração, para não pecar contra ti» — diz o Salmista.

A Bíblia é o livro dos livros. «Estudai a Bíblia como um viajante. Percorrei os seus vastos campos de verdade; descei os seus vales; trepai as montanhas de visão; segui as correntes de inspiração; entrai nas salas de instrução; visitai as suas maravilhosas galerias e retratos».

«A Bíblia é sem dúvida um palácio cheio dos mais raros tesouros, de coisas velhas e novas, um depósito repleto de riquezas insondáveis. Encerra lições importantes, pensamentos e sentimentos nobres e belos. Na vossa exploração a este palácio maravilhoso, a leitura da Bíblia, num ano, vos servirá de guia fiel.

«Em primeiro lugar penetrai no vestibulo — o principio do Génesis — onde «os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos». É aí que descobrireis os fios coloridos da verdade. Segui-los-eis fielmente percorrendo o palácio — os livros de Moisés, que formam a base dos códigos e dos estatutos — para vos dirigir para a galeria dos retratos — os livros históricos com suas cenas de guerras e conquistas, a descrição das derrotas militares e façanhas dos heróis.

«Penetrai no gabinete do filósofo — o livro de Job — onde observareis as suas belas linhas coloridas, serpenteando através de todas as discussões filosóficas e dramáticas. Depois vem a sala de música — os Salmos — onde os fios de côr são ampliados em canto, poesia e oração.

«Eis o escritório dos negócios — o livro dos Provérbios — onde são expostos grandes princípios que devem servir de guia para a honra, felicidade e progresso. Penetremos agora na capela — o livro de Eclesiastes. Escutai. Ouvireis estes mesmos pensamentos, apresentados pelo prégador para vossa meditação. Explorai, em seguida, o conservatório — o cântico de Salomão. Lá são apresentados em música e poesia.

«Subi ao observatório — os livros proféticos — onde os fios coloridos são tecidos nas experiências da vida. Vê-los-eis ampliados pelo telescópio profético, terminando ao longe «com a estrela brilhante da manhã». Achais-vos em seguida na sala de audiência do Rei — os Evangelhos — onde esses fios enla-

çam maravilhosamente as actividades e vida do Rei da Glória.

«Depois, entrando na oficina do Espírito Santo — os Actos dos Apóstolos — vereis estas cores como símbolo de crescimento, expansão e actividade. Passai à sala da correspondência — as Epístolas. Também ali esses fios são o tema central destes escritos infalíveis. E, finalmente, passai à galeria exterior — o Apocalipse — onde vereis de novo esses fios de côr no desenrolar do conflito final entre o bem e o mal. Contemplá-los-eis na consumação dos desígnios de Deus». (Estudo da Bíblia, M. V. L., 18).

«Recolhi as tuas palavras e as devorei» — diz Jeremias. Nós não podemos viver sem a palavra de Deus. Cultivemos cada dia o hábito de a estudar com reverência. Cultivemos o amor à verdade. Lede muitas vezes a Bíblia. Que ela faça parte da vossa vida. Nós somos transformados pela contemplação. Estabelecei para 1946 um programa regular do estudo da Bíblia e executai-o com reverência e oração. Assim como é necessário regular os alimentos para manter a vida física, assim também o alimento espiritual da Bíblia deve ser tomado regularmente para manter a nossa vida espiritual.

(Aqui, explicar os diferentes planos seguidos para o estudo da Bíblia — para jovens e para menores — e o plano combinado da leitura da Bíblia e dos livros do Espírito de Profecia. O 3.º ano deste curso de leitura, será seguido pelos que tiverem lido os livros da Bíblia e da Sr.ª E. G. White, propostos para o 1.º e 2.º anos, ou por quem deseje começar nesta altura. O assunto geral — da Rebelião à Redenção — será preenchido pela leitura da primeira metade do Antigo Testamento e do livro *Patriarcas e Profetas*. Inscrevei os membros da sociedade de jovens, num curso qualquer de leitura e de estudo da Bíblia, de preferência dentro dos planos apresentados).

B. W. Maltison

Departamento da Colportagem

Fevereiro de 1946

Relatório de Vendas

Nomes	Horas	Livros	Revistas	Totais	Território
Maria Luísa Saboga	113	—	1.500\$00	1.500\$00	Lisboa
Elisa de Jesus Simões	89	50\$00	825\$00	873\$00	Provincia
Augusta Reis Vasco	111	—	810\$00	810\$00	Lisboa
Eduardo Pinto da Silva	107	280\$00	16\$00	296\$00	»
Missão Açoriana	—	47\$50	100\$00	147\$50	»
Olávio da Glória Sacramento	55	—	92\$00	92\$00	Setúbal
Totais	475	377\$50	3.541\$00	3.718\$50	

Departamento da Colportagem

Março de 1946

Relatório de Vendas

Nomes	Horas	Livros	Revistas	Totais	Território
Missão Madeirense	—	5.000\$50	1.642\$00	6.642\$50	Lisboa
Maria Luísa Saboga	90	—	852\$00	852\$00	»
Francisco Castela	47	850\$00	—	850\$00	Bairrada
Idalina Ferreira	30	—	748\$00	748\$00	Santarém
Elisa J. Simões	46	—	662\$00	662\$00	Lisboa
Augusta Vasco	56	—	364\$00	364\$00	
Missão Açoriana	—	30\$00	246\$00	276\$00	
Totais	269	5.880\$50	4.514\$00	10.394\$50	

Conselho de Inverno na Divisão Sul-Europeia

Realizou-se em Berna, nos fins de Março do corrente ano, estando presentes, além dos irmãos Olson, Beach e secretários dos diferentes Departamentos, os directores das Uniões Franco-Belga, Italiana, Suíça, Argeliana, Portuguesa e instituições dependentes da nossa Divisão, tais como a Casa Editora de Melun, o Seminário de Collonges, etc., etc. Infelizmente ninguém pôde sair da Roménia, Jugoslávia, Hungria, Checoslováquia, Bulgária, etc...

Iniciavam-se os trabalhos às oito horas da manhã, para o que era preciso levantar no hotel às seis e meia. Depois dos preparativos e do pequeno almoço, metíamo-nos nos carros eléctricos a caminho do n.º 17, em Hoherveg. Iniciávamos os trabalhos com a meditação da palavra, preces e cânticos acompanhados, algumas vezes, a órgão.

Numa atmosfera de calma e paz, ouviram-se os relatórios dos campos representados, do trabalho neles executado, das necessidades dos mesmos e assim foram votados os parágrafos mais importantes dos relatórios e os orçamentos respectivos. Graças à generosa dotação da Conferência Geral, houve possibilidades de aumentar os orçamentos de todos os campos e permitir assim o aumento do número de obreiros, publicações de livros, fomento de escolas, envio de missionários, compras de edifícios, melhorias de salários. Não houve um único parágrafo em que se desse um passo à rectaguarda e o espírito do conselho bradava de continuo: Avança! Avança!

Há tantos anos que escrevia para Hoherveg, 17! Finalmente, tive a oportunidade de entrar no centro vital da Divisão Sul-Europeia e declaro que fiquei encantado com a limpeza, a ordem, a calma, a delicada familiaridade que reinavam por todos os vários departamentos, escritórios e pessoal.

A União Portuguesa foi particularmente beneficiada por este Conselho de Inverno, para o que contribuiu de forma total e decisiva a visita a Portugal dos nossos dois grandes amigos — Olson e Beach. Não devemos esquecer também a simpatia sempre fiel dos Pastores Gerber e Struve. O nosso amável tesoureiro da Divisão, Pastor Breunewald, com muito carinho, ia procurando nas verbas do seu or-

çamento as dezenas de milhares de escudos que eram necessárias à obra no nosso campo. E com assentimento de todo o Conselho, a União Portuguesa arranhou o orçamento máximo de toda a sua história, com a possibilidade de ampliar o Seminário, de fazer obras na nossa sede do Porto, de aumentar os obreiros, etc., etc...

Terminados os trabalhos do Conselho, deram-me meios e licença para visitar a nossa amável Igreja de Lausana e os dois mais importantes esforços de evangelização na Suíça, em actividade nas cidades de Zurique e Basileia. Em Zurique assisti a uma conferência pública feita pelo Pastor Schmidt, na bela sala da Casa dos Congressos, perante uma assistência de 1.500 pessoas. Em Basileia vi a sala onde o Pastor Willy faz as suas conferências de domingo e onde se juntam outras 1.500 pessoas. Observei como eram feitos e manejados os animais de Daniel e Apocalipse e, logo que haja oportunidade, poderei explicar tudo isso aos nossos colaboradores portugueses. E muitas mais coisas interessantes havia a ver e a estudar se o governo suíço tivesse querido dar-me mais 15 dias de permanência e o governo francês não fizesse cara feia ao de Espanha. Era preciso partir.

Passei pelo Seminário de Collonges, onde tive o prazer de conviver com Professores e alunos, assistir a um dia inteiro de trabalho, ouvir as lições, visitar a Biblioteca, o Departamento do Curso por Correspondência, sempre acompanhado pela simpatia do Director Vaucher, Professor Tèche, Administrador e Preceptores.

E depois a caminho de Portugal, através da França convalescente mas sempre bela e rica, com as suas livrarias parisienses cheias de notáveis obras nos diversos sectores do pensamento humano.

Tive o prazer inesquecível de saborear alguns dias na grande Espanha e de criar em mim a convicção que a língua castelhana deve ser cultivada pelos estudantes do nosso Seminário, porque é muito semelhante à portuguesa, porque é rica de sonoridade e belezas privativas, porque é falada por muitos milhões de seres humanos nas Américas, Filipinas e em dezenas de grandes e nobres cidades da Península!

Falei com alguns dos nossos Irmãos em Espanha e, embora não tenham tido a nossa oportunidade em evangelização, ficou-me gravada na memória a frase por eles empregada: «Irmão Gomes, temos tanta liberdade quanta podemos usar no nosso trabalho». Relembrámo-nos, com certa saudade, o tempo em que formámos a mesma União e formulámos votos de que o Bloco Ibérico Adventista ainda se reorganize num próximo futuro.

Um mês de grandes e duradouras recordações.

E agora mãos ao trabalho, para realizar os votos feitos no Conselho de Inverno.

Deus nos ajude a todos! Oremos uns pelos outros, pois as dificuldades são muitas em muitos lados...



Sede da Divisão Sul-Europeia (17, Höheweg, Berna, Suíça)

A. Dias Gomes

«A Bíblia é sem dúvida um palácio cheio dos mais raros tesouros, de coisas velhas e novas, um depósito repleto de riquezas insondáveis. Encerra lições importantes, pensamentos e sentimentos nobres e belos. Na vossa exploração a este palácio maravilhoso, a leitura da Bíblia, num ano, vos servirá de guia fiel.

«Em primeiro lugar penetrai no vestíbulo — o princípio do Génesis — onde «os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos». É aí que descobrireis os fios coloridos da verdade. Segui-os-eis fielmente percorrendo o palácio — os livros de Moisés, que formam a base dos códigos e dos estatutos — para vos dirigir para a galeria dos retratos — os livros históricos com suas cenas de guerras e conquistas, a descrição das derrotas militares e façanhas dos heróis.

«Penetrai no gabinete do filósofo — o livro de Job — onde observareis as suas belas linhas coloridas, serpenteando através de todas as discussões filosóficas e dramáticas. Depois vem a sala de música — os Salmos — onde os fios de côr são ampliados em canto, poesia e oração.

«Eis o escritório dos negócios — o livro dos Provérbios — onde são expostos grandes princípios que devem servir de guia para a honra, felicidade e progresso. Penetremos agora na capela — o livro de Eclesiastes. Escutai. Ouvireis estes mesmos pensamentos, apresentados pelo prégador para vossa meditação. Explorai, em seguida, o conservatório — o cântico de Salomão. Lá são apresentados em música e poesia.

«Subi ao observatório — os livros proféticos — onde os fios coloridos são tecidos nas experiências da vida. Vê-los-eis ampliados pelo telescópio profético, terminando ao longe «com a estrela brilhante da manhã». Achais-vos em seguida na sala de audiência do Rei — os Evangelhos — onde esses fios enla-

çam maravilhosamente as actividades e vida do Rei da Glória.

«Depois, entrando na oficina do Espírito Santo — os Actos dos Apóstolos — vereis estas cores como símbolo de crescimento, expansão e actividade. Passai à sala da correspondência — as Epístolas. Também ali esses fios são o tema central destes escritos infalíveis. E, finalmente, passai à galeria exterior — o Apocalipse — onde vereis de novo esses fios de côr no desenrolar do conflito final entre o bem e o mal. Contemplá-los-eis na consumação dos desígnios de Deus». (Estudo da Bíblia, M. V. L., 18).

«Recolhi as tuas palavras e as devorei» — diz Jeremias. Nós não podemos viver sem a palavra de Deus. Cultivemos cada dia o hábito de a estudar com reverência. Cultivemos o amor à verdade. Lede muitas vezes a Bíblia. Que ela faça parte da vossa vida. Nós somos transformados pela contemplação. Estabelecei para 1946 um programa regular do estudo da Bíblia e executai-o com reverência e oração. Assim como é necessário regular os alimentos para manter a vida física, assim também o alimento espiritual da Bíblia deve ser tomado regularmente para manter a nossa vida espiritual.

(Aqui, explicar os diferentes planos seguidos para o estudo da Bíblia — para jovens e para menores — e o plano combinado da leitura da Bíblia e dos livros do Espírito de Profecia. O 3.º ano deste curso de leitura, será seguido pelos que tiverem lido os livros da Bíblia e da Sr.ª E. G. White, propostos para o 1.º e 2.º anos, ou por quem deseje começar nesta altura. O assunto geral — da Rebelião à Redenção — será preenchido pela leitura da primeira metade do Antigo Testamento e do livro *Patriarcas e Profetas*. Inscrevei os membros da sociedade de jovens, num curso qualquer de leitura e de estudo da Bíblia, de preferência dentro dos planos apresentados).

B. W. Maltison

Departamento da Colportagem

Fevereiro de 1946

Relatório de Vendas

Nomes	Horas	Livros	Revistas	Totais	Território
Maria Luísa Saboga	113	—	1.500\$00	1.500\$00	Lisboa
Elisa de Jesus Simões	89	50\$00	825\$00	873\$00	Provincia
Augusta Reis Vasco	111	—	810\$00	810\$00	Lisboa
Eduardo Pinto da Silva	107	280\$00	16\$00	296\$00	»
Missão Açoriana	—	47\$50	100\$00	147\$50	
Olávio da Glória Sacramento	55	—	92\$00	92\$00	Setúbal
Totais	475	377\$50	3.341\$00	3.718\$50	

Departamento da Colportagem

Março de 1946

Relatório de Vendas

Nomes	Horas	Livros	Revistas	Totais	Território
Missão Madeirense	—	5.000\$50	1.642\$00	6.642\$50	
Maria Luísa Saboga	90	—	852\$00	852\$00	Lisboa
Francisco Castela	47	850\$00	—	850\$00	»
Idalina Ferreira	30	—	748\$00	748\$00	Bairrada
Elisa J. Simões	46	—	662\$00	662\$00	Santarém
Augusta Vasco	56	—	364\$00	364\$00	Lisboa
Missão Açoriana	—	30\$00	246\$00	276\$00	
Totais	269	5.880\$50	4.514\$00	10.394\$50	

Após três semanas de reuniões da classe baptismal, em que um belo grupo de candidatos ao baptismo assistiu regularmente, além de vários irmãos que com a sua presença manifestaram a sua simpatia por aqueles que se propunham dar entrada na Igreja, tivemos o prazer de, no sábado 20 de Abril, ministrar o baptismo a vinte e três preciosas almas. A vasta sala da Congregação de Lisboa, bem como as galerias, encontravam-se repletas de assistentes. Antes da cerimónia baptismal, o Reverendo Pastor A. Dias Gomes dirigiu à assistência palavras de encorajamento alusivas ao acto.

De entre o belo grupo de almas que se reuniram à Igreja — uns que recentemente aceitaram a Verdade, outros conhecendo-a há muito — destacava-se um belo número de jovens que, bem cedo na vida, tiveram a ousadia de confessar Aquele que os salvou, entregando os seus corações a Deus e unindo-se à Igreja. Isso constituiu motivo de maior regozijo para todos naquela hora.

Presentemente, todos prosseguimos orando e trabalhando para que uma semelhante cerimónia breve se repita.

§

Ao escrevermos estas linhas, encontramos-nos em plena Semana da Juventude, e por sinal com uma bela assistência às reuniões. A nossa Juventude bem merece o honroso título de «Braço Direito da Igreja»! Feliz a Igreja que tem uma forte Juventude e feliz a Juventude que tem, quem na Igreja a saiba compreender! E nós temos a certeza de que, na Igreja de Lisboa, existe tanto uma como outra coisa. Porque se há muitos jovens que se esforçam por fazer sempre melhor, também há Irmãos e Irmãs que sabem compreender tais aspirações. Por isso, a todos recomendamos: Deixem o Velho do Restelo que em terra vai vociferando; avancem para o mar, onde ainda há muito que fazer!

M. Leal

OBITUÁRIO

Irmã Ana de Almeida Candeias

Nova Lisboa, Angola

Com a idade de 42 anos, faleceu em Vila Luso, Angola, a Irmã Ana de Almeida Candeias, vítima por um ataque de febre biliosa.

A Irmã Candeias foi, durante quinze anos, uma crente fiel do Adventismo. Aceitou a mensagem, em Portugal, onde foi baptizada pelo Pastor Dias Gomes, da Igreja de Lisboa. Tirou o Curso Bíblico na nossa Escola de Lisboa; durante dez anos trabalhou em Portugal, primeiro, ensinando na nossa escola do Barreiro, depois na Casa Publicadora de Lisboa e, finalmente, como secretária do Pastor Dias Gomes.

A Irmã Candeias e seu marido aceitaram o convite para trabalhar nas missões de Angola; foram colocados, primeiramente, na Missão da Luz, onde estiveram um ano; daqui seguiram para a de Lucusse, onde trabalharam durante dois anos; aqui a surpreendeu a morte. A Irmã Candeias foi uma fiel missionária e deu a vida ao serviço do Mestre. A sua recompensa está assegurada, pois o Dador da vida assim procede para com aquele que Lhe dá a vida.

O Irmão Candeias encontrava-se só com sua esposa, quando esta faleceu. Foi sepultada no cemitério de Vila Luso, no dia 22 de Janeiro.

A Irmã Candeias deixou o seu marido e zeloso missionário e o seu pequeno Samuel, pranteando a sua perda, assim como numerosos parentes e amigos em Portugal.

A todos eles estendemos a nossa enternecida simpatia e, muito especialmente, a seu marido e seu filho.

P. Stevenson

Director da União de Angola

As nossas revistas *The Outlook*, da Divisão, e *The Review and Herald*, do ultramar, publicaram o obituário acima transcrito.

As ofertas da juventude da nossa Divisão, em 1946

Ano após ano, indica-se um objectivo às ofertas da nossa juventude.

Este plano já foi inaugurado há muito tempo, e nós podemos dizer com vivo prazer que a nossa esperança nunca foi baldada. Os nossos missionários voluntários tomaram sempre a sua tarefa com todo o entusiasmo e mostraram-se sempre dignos da confiança que neles se havia posto.

Desempenharam, assim, brilhantemente, o seu papel para a realização de numerosos e importantes projectos nos vários campos missionários.

Ainda este ano e, mais que nunca, temos necessidade dos nossos jovens. Contamos com eles para nos ajudarem nas duas empresas, dignas da nossa atenção:

Trata-se, primeiramente, de fornecer os fundos necessários, para a compra de um milhar de Bíblias destinadas aos nossos membros dos países actualmente privados das Escrituras Sagradas.

Tais regiões são numerosas, principalmente na parte oriental da nossa Divisão; pensamos, especialmente, na Áustria e na Checoslováquia, que acabam de ser incorporadas no nosso território.

Convém, também, mencionar os Balcãs e a Itália. Iguamente devemos enviar Bíblias a irmãos prisioneiros de guerra. É necessário, além disso, fazer todo o possível para pôr algumas Bíblias à disposição dos nossos pregadores nestes países, dado o seu trabalho de evangelização. A aquisição de um milhar de exemplares da Bíblia importará, pelo menos, em 1.000 dólares.

O segundo projecto, para cuja realização contamos com a generosidade da nossa juventude, diz respeito ao estabelecimento de uma ou duas escolas da Igreja em Madagáscar.

Este projecto merece o nosso maior interesse. O nosso programa escolar deve desenvolver-se cada vez mais nesta grande ilha do Oceano Índico, e estamos convencidos de que os nossos missionários voluntários estão dispostos a contribuir para isso galhardamente.

Obrigado a todos pelo vosso concurso precioso para a realização destes dois projectos.

R. Gerber

Relatório do M. V. — 1.º Trimestre de 1946

	Número de Membros	Assistência Médica	Número de Relatórios	Estudos Bíblicos	Visitas Missionárias	Pessoas trazidas às reuniões	Pessoas socorridas	Tratamentos dados	Horas de caridade	Peças de roupa	Refeições dadas	Literatura dada ou vendida	Cartas escritas	Seguem a vigília	Seguem o ano Bíblico	Seguem curso de leitura	Seguem o curso Bíblico	COLECTA
Lisboa	79	39	—	94	95	30	19	6	10	22	17	40.107	37	9	9	—	—	50\$70
Porto.	25	20	8	58	8	2	6	1	13	—	2	—	—	2	—	—	—	21\$45
Coimbra.	17	15	6	56	28	8	157	3	31	5	45	10	2	—	—	—	—	19\$90
Tomar	23	10	10	119	67	12	26	—	11	28	40	1.080	10	3	8	—	—	45\$90
Barreiro.	36	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	13\$05
Setúbal	26	16	8	50	23	15	—	—	—	1	6	4.530	7	3	5	—	—	36\$50
Portalegre	30	17	18	27	51	30	1	2	—	9	—	5	3	4	1	—	—	20\$05
Niza	49	100	7	64	40	63	8	—	—	—	20	—	2	—	6	—	—	91\$90
Seminário	48	48	43	21	83	—	1	—	—	—	—	115	44	43	—	—	43	36\$20
Vila Real	23	29	18	15	66	16	15	—	—	3	98	379	4	—	6	—	—	39\$00
Missão Madeirense	61	75	48	159	257	22	131	19	9	14	108	10.066	11	4	11	—	—	50\$70
Ponta Delgada.	52	33	9	43	115	3	19	5	13	13	—	205	14	—	—	—	—	58\$80
Angra do Heroísmo	8	7	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	11\$80
Cabo-Verde.	100	—	12	131	172	8	24	31	35	10	159	5	4	12	12	—	—	6\$00
S. Tomé	127	76	26	822	576	29	133	24	104	9	97	275	69	7	—	—	—	74\$20
Total	704	485	213	1.659	1.581	238	540	91	226	114	592	56.777	207	87	58	0	43	576\$15

Relatório do M. V. — 4.º Trimestre de 1945

	Número de Membros	Assistência Médica	Número de Relatórios	Estudos Bíblicos	Visitas Missionárias	Pessoas trazidas às reuniões	Pessoas socorridas	Tratamentos dados	Horas de caridade	Peças de roupa	Refeições dadas	Literatura dada ou vendida	Cartas escritas	Colectas missionárias	Colectas locais	Campanha do Outono	Seguem a vigília	Seguem o ano Bíblico	Seguem cursos de leitura	COLECTA
Lisboa	94	64	19	36	43	47	29	2	41	52	12	1.464	29	—	—	344\$60	10	12	—	—
Porto	23	22	15	66	24	14	16	—	10	4	5	156	2	10\$00	—	—	14	6	—	—
Coimbra	Não enviou relatório																			
Tomar	19	10	7	87	54	—	53	—	3	7	30	370	5	16\$80	—	202\$70	3	2	—	—
Niza.	50	80	5	60	30	50	24	—	—	—	—	57	2	15\$00	—	—	—	4	—	—
R. de Niza.	5	—	—	20	18	6	—	—	—	—	—	20	1	16\$30	—	—	1	—	—	—
Portalegre.	33	23	14	30	42	7	4	3	2	2	0	385	10	67\$55	50\$00	—	5	3	—	—
Seminário.	40	40	37	7	47	—	—	—	—	—	—	346	18	42\$55	9\$00	676\$00	35	1	11	—
Barreiro	Não enviou relatório																			
Setúbal.	29	20	4	29	18	7	4	0	29	0	4	70	2	35\$80	—	—	3	3	2	—
Vila Real	16	25	4	2	23	—	—	6	—	—	—	2	—	36\$00	—	200\$00	5	4	—	—
Madeira	72	65	39	84	56	5	6	29	2	11	15	167	11	76\$00	—	1.534\$80	8	15	—	—
Açores.	—	—	8	31	329	39	1	—	18	—	1.088	—	—	—	—	—	—	—	—	—
C. Verde	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
S. Tomé	123	76	26	822	576	29	133	24	104	9	97	275	69	74\$20	—	3.000\$00	—	—	—	—
Total	504	425	178	1.274	1.260	199	260	64	191	94	1.251	2.798	149	390\$20	59\$00	5.958\$10	84	50	13	—

Da Igreja de Lisboa foram baptizados 18 jovens. M. V.

Feixe de Notícias

Edifício do Porto

Está adquirido, como sabem. O Conselho da Divisão votou algumas boas dezenas de contos para as obras necessárias. Os planos da Divisão estão a ser desenhados pelo Engenheiro Nunes, nosso Irmão, Professor no Seminário. O caderno de encargos vai ser posto a concurso. Lá para o mês de Outubro deveremos ter, se Deus nos continuar a auxiliar, a sede do Movimento na «mui leal e invicta cidade do Porto».

Bancos para a Congregação

Pareceria muito mal se as Congregações da União não quisessem ajudar, na medida do possível, a Congregação do Porto a mobilar o seu Templo. De certeza, a Congregação do Porto vai fazer um nobre esforço nesse sentido, e o belo gesto em favor de Portalegre, no ano passado, vai repetir-se, ainda mais amável, no decorrer deste verão, para os bancos da Congregação do Porto.

Têm, desde já, a palavra as Congregações portuguesas pela pena dos seus pastores. Necessitam-se bancos ou cadeiras para mais de 400 pessoas. Em escudos, um mínimo de 15.000\$00.

Edifício de Portalegre

As nossas reuniões estão tendo uma assistência que enche a trasbordar os bancos comprados por subscrição entre os Adventistas portugueses. Temos necessidade de fazer obras de alargamento. Já estão orçamentadas e durante o verão serão realizadas. Teremos assim uma sala que comportará 200 lugares e há todas as perspectivas para que sejam cheios de crentes e ouvintes atentos.

E Canelas?

Não esquecemos que precisamos edificar uma capela e estamos fazendo planos para tal empreendimento. Estamos à espera do preço das obras na sede do Porto.

Baptismos

Com júbilo, anunciamos ter havido 12 baptismos no Seminário e 24 na Congregação de Lisboa. Tanto num lado como noutro, mais pessoas existem com planos de se unir à Igreja. Na Igreja de Portalegre vemos um belo grupo de ouvintes atentos e não levará muito tempo que o número de membros sofra um aumento importante. O mesmo na Ribeira de Niza.

Semana Santa

Este ano passámo-la em esforços de evangelização. Mais de 100.000 convites foram espalhados em todas as Congregações do continente. Os resultados conhecidos até à data, são:

Lisboa — Ótima assistência, que em algumas reuniões encheu o salão e galerias.

Coimbra — Pelo menos, uma vez esteve o salão quase cheio!

Portalegre — Casa sempre mais do que cheia.

Ribeira de Niza — Nunca se viu a casa tão cheia, como nas reuniões agora realizadas. O Director do Seminário dizia-nos que tinha as maiores esperanças na Ribeira de Niza, onde tantas almas ouvem o Evangelho com interesse e devoção.

Barreiro — Boa assistência às reuniões.

Porto, Canelas e Avintes — Na primeira pouca assistência, mas já muito melhor nas duas últimas. Necessitamos de contínua e insistente propaganda! Nada de desânimos.

Etc., etc., etc....

Seminário

Continua a sua obra e no melhor espírito. Tivemos a ocasião de planear o trabalho de verão com os alunos que só manifestaram a melhor das vontades em colaborar nos planos.

Mais de 40 alunos, em 20 grupos, se dispuseram a partir para o campo, durante as férias, a trabalhar na difusão de literatura, serviços de evangelização, etc. Houve até quem chorasse quando lhe disseram que deveria ficar a trabalhar no Seminário! Dois jovens a quem não tínhamos dado trabalho na colportagem, devido à sua pouca idade, vieram solicitar que os experimentássemos, pois «alguma vez havia de ser a primeira e que com eles nunca haveria azar»!

As nossas sinceras felicitações ao Irmão Director pelo espírito que tem sabido manter na sua escola.

Dr. Nunes Branco

Finalmente, após 14 anos de estudo e convívio com o Movimento Adventista, baptizou-se na Congregação de Lisboa, a 20 de Abril, com sua Ex.^{ma} Esposa, o Dr. José Nunes Branco! Graças a Deus por nos ter dado tão grande prazer.

Nestes tempos em que tanto se abusa do título de doutor, não será mau frisar que o nosso Irmão Nunes Branco é, de facto, doutor pela Universidade Gregoriana de Roma, licenciado em Filosofia e História pela Universidade de Lisboa, Professor do Liceu Normal de Pedro Nunes, e ganhou inúmeras

simpatias de muitos vultos públicos pelo seu trato cativante e trabalho honesto.

Vai deixar a sua posição social tão distinta para entrar no modesto Seminário Adventista de Portalegre, como professor e Conselheiro Pedagógico. Vira as costas às grandezas do mundo para se unir à humildade evangélica de Jesus. As esperanças da União Portuguesa concentram-se nele e tudo temos a esperar da sua actividade e competência unidas às dos seus Irmãos e colaboradores no Seminário e no campo de evangelização. Os jornais de Portalegre começam já a relembrar o seu nome, aureolado da justa fama de pregador e mestre no Seminário Católico de Portalegre.

Queira Deus guardar e abençoar o nosso Irmão Nunes Branco, amigo sempre fiel e dedicado durante 14 anos, e possamos nós vê-lo subir sempre no caminho recto da vida eterna e das actividades do triunfante Movimento Adventista.

Oremos por ele e pela sua Família.

Engenheiro Joaquim Nunes Ramos

Após alguns anos de convívio com o Movimento Adventista, através da nossa Congregação do Barreiro, entrou no nosso Seminário como professor de Ciências, onde trabalhou durante dois anos escolares e foi baptizado no dia 13 de Abril na Igreja do Seminário, o nosso Irmão Engenheiro Nunes Ramos.

Tem sempre dado provas de muito sincera piedade, manifestou uma dedicação absoluta ao ensino das Ciências no Seminário, deu colaboração aos serviços de evangelização com óptimo espírito, e pediremos a Deus que o ajude a manter sempre tão amável disposição, o guarde do mal e o faça prosperar dentro das actividades do Movimento Adventista.

Após o seu curso de engenheiro civil no Instituto Superior Técnico, quando podia ambicionar as honras e os proventos de curso tão difícil e rendoso, voltou-se para a humildade de Jesus, dentro das paredes nuas do Seminário de Portalegre. Deus o abençoe e o guie! Oremos por ele, a quem seus pais, numa incompreensão assaz compreensível, manifestaram total desagrado, cortando relações!

Faculdade do Seminário

O nosso Director do Seminário, Irmão Ernesto Ferreira, tem no momento actual o início de uma forte Faculdade na pessoa dos seus três Mestres. É o início! Sabemos que Deus está trabalhando, por meio de instrumentos visíveis e do Seu Espírito, para que a nossa Faculdade aumente com elementos de real valor. Os alunos aumentarão na medida que a Escola fortaleça o seu corpo docente e se mantenha no espírito do Movimento.

Alarguemos as instalações, pois os estudantes vão aumentar e o nosso campo — que é o mundo — bem necessita de «ceifeiros».

Publicações

O nosso Impressor, Gomes & Rodrigues, faz rolar continuamente as suas máquinas a fim de dar cumprimento ao programa de publicações planeado e votado pelas Assembleias Gerais da União em 1945.

O livro do Pastor W. R. Beach, *Crepúsculo ou*

Aurora?, numa edição de 10.000 exemplares, está a ser ultimado e estará absolutamente pronto no fim de Maio. Sairá com um belo aspecto gráfico.

Além da revista *Saúde e Lar*, em tiragens de 7.000 e 8.000 exemplares, e da *Revista Adventista*, deve sair até ao fim de Junho a *Revista das Missões*, em edição melhorada, num total de 20.000 exemplares.

Uma colecção de 20 folhetos, traduzidos do francês, vai começar a ser editada. Até que enfim! Vale mais tarde do que nunca.

O novo livro, a sair até ao mês de Outubro, *A nossa Mente ao Trabalho*, numa edição de 10.000 exemplares, começa a ser estudado.

Mais de 40 adventistas jovens se porão em actividade durante o verão e muitas dezenas de membros das Igrejas terão o privilégio de trabalhar na difusão das revistas.

Colportagem em África

O nosso Irmão Jerónimo Falcão partiu de Angola para Moçambique, onde pretende colocar centenas de exemplares do nosso último livro — *As Profecias do Apocalipse*.

Oremos pelo êxito do empreendimento.

Nova Livraria

Está nomeada a comissão que deve envídar esforços para encontrar casa apropriada para instalar a nova Livraria, onde poremos em exibição e à venda as belas obras editadas pelas nossas inúmeras casas editoras estrangeiras.

Roguemos a Deus nos dê este privilégio e aproveitemos a oportunidade que a Legislação nos oferece.

«Não durmais, pois!».

Visitas de passagem

Tivemos o prazer de ver na nossa sede o Irmão Dr. Oto Schubert, da Conferência Geral, em visita às nossas instituições da Alemanha. Já está em Washington.

Esteve no nosso meio o casal Guiddings, antigo missionário em Angola e que vai assumir a direcção da Missão do Bongo, para onde partiu em fins de Abril. Foi uma visita muito amável e inspiradora.

Também tivemos o prazer de ter entre nós o Irmão Dr. Jean Zurcher que, acompanhado de sua esposa, seguiu já para Madagáscar, onde vai dirigir o Seminário de Tananarive.

A todos desejamos «muito boa viagem» e as melhores graças de Deus.

João Esteves

Acompanhado de sua esposa e menino, chegou a Lisboa, em gozo de férias, este nosso Irmão e missionário em Cabo Verde.

Embora o aspecto geral indique larga estadia em clima tropical, estão bons e animados.

Estabelecerá residência no Barreiro e, como temos falta de evangelistas, ali terá de trabalhar com a Igreja durante os seus seis meses de férias, após os quais muito desejamos que regresse ao seu campo missionário — Cabo Verde.

Alvos Financeiros de 1946 da União Portuguesa

Votados no Conselho da União, nas reuniões de 26 e 27 de Março de 1946

Além dos dízimos de todo o fiel adventista, teremos de nos esforçar por obter os seguintes fundos:

Grande Semana — 27 de Abril a 4 de Maio

Porto	900\$00
Coimbra	450\$00
Tomar	700\$00
Niza	250\$00
Ribeira de Niza	150\$00
Seminário	1.200\$00
Portalegre	350\$00
Lisboa	3.000\$00
Barreiro	500\$00
Setúbal	500\$00
Vila Real	450\$00
Madeira	1.000\$00
Açores	1.000\$00
Cabo Verde	800\$00
S. Tomé	900\$00
<i>Total.</i>	12.150\$00

Campanha das Missões — a partir de Julho

Lisboa	12.600\$00
Porto	5.000\$00
Coimbra	2.500\$00
Tomar	3.500\$00
Niza	2.000\$00
Portalegre	3.000\$00
Ribeira de Niza	500\$00
Seminário	3.500\$00
Barreiro	2.500\$00
Setúbal	2.500\$00
Vila Real	2.000\$00
Madeira	4.000\$00
Açores	4.000\$00
Cabo Verde	1.500\$00
S. Tomé	2.000\$00
<i>Total.</i>	51.100\$00

Alvos da Juventude

Lisboa	1.400\$00
Porto	150\$00
Coimbra	60\$00
Tomar	150\$00
Niza	120\$00
Ribeira de Niza	50\$00
Portalegre	320\$00
Seminário	200\$00
Barreiro	100\$00
Setúbal	250\$00
Vila Real	140\$00
Madeira	400\$00
Açores	270\$00
Cabo Verde	100\$00
S. Tomé	300\$00
<i>Total.</i>	4.010\$00

Alvos da Escola Sabatina

Lisboa	9.540\$00
Porto	6.000\$00
Portalegre	3.170\$00
Tomar	2.189\$00
Seminário	1.400\$00
Ribeira de Niza	1.187\$00
Niza	560\$00
Caisais	1.031\$00
Coimbra	1.040\$00
Barreiro	1.000\$00
Vila Real	1.000\$00
Setúbal	800\$00
Madeira	3.592\$00
Açores	3.753\$00
Cabo Verde	1.012\$00
S. Tomé	2.524\$00
<i>Total.</i>	59.448\$00

Alvos para os bancos da Congregação do Porto

Necessitaremos um mínimo de 15.000\$00!
Vamos esforçar-nos por obtê-los?

A NOSSA SENHA PARA 1946

O nosso grande objectivo deveria ser sempre, e mais que nunca, a conclusão da obra de Deus, na terra. É, de todo o ponto importante orar e estudar a Palavra de Deus. Estas duas acções deveriam ocupar um lugar de primeiro plano na nossa vida. Mas, se nos limitarmos a isto, a nossa experiência é incompleta e negligenciamos, de certo modo, o essencial.

Com efeito, a oração e o estudo da Bíblia não são, necessariamente, fins em si, mas antes, são meios destinados a assegurar a nossa salvação e, portanto, a do nosso próximo. Os nossos exercícios espirituais deveriam, invariavelmente, desenvolver uma actividade mais da nossa parte com o objectivo de se anunciar o Evangelho ao nosso próximo.

Que a nossa senha para 1946 seja, pois: sermos, verdadeiramente, missionários voluntários que se esforçam por salvar almas. Há nas nossas igrejas, jovens que se perdem. Temos camaradas e amigos que vivem longe de Deus, expostos ao perigo de se deixarem arrastar, cada vez mais, pelo pecado. Esforcemo-nos por atraí-los a Jesus.

A Conferência Geral organizou a Cruzada Missionária Voluntária. Convida ela os nossos jovens a ser seus cavaleiros-andantes. E eis o lema que ela propõe: «Eu tomo o compromisso, pela graça de Deus, de me esforçar por estabelecer, diariamente, um contacto pessoal com o Senhor, a fim de «compartilhar a minha fé»; de estudar o curso bíblico ou seu equivalente, e de atrair, pelo menos, três amigos ao estudo destas lições, a fim de os conduzir ao seio da Igreja».

Magnífico programa de acção para este novo ano, e quão necessário! O mundo corre para a perdição. É como um navio balouçado num mar agitado, e prestes a sossobrar. Pode, ainda, realizar-se uma obra de salvação a favor de alguns dos seus passageiros. É à juventude adventista, a esta elite espiritual, que incumbe a tarefa de a realizar.

Alistemo-nos, pois, nesta cruzada, e salvemos os nossos camaradas.

Possamos ser todos nós ganhadores de almas em 1946. Trabalhemos, assim, para a eternidade.

Robert Gerber

Relatório de Vendas

Apresentado por A. Dias Gomes à Divisão,
segundo foi fornecido pelo Tesoureiro A. F. Raposo

Fevereiro de 1946

María Luísa Saboga.....	1.500\$00
Elisa de Jesus Simões.....	873\$00
Augusta Reis Vasco.....	810\$00
Eduardo Pinto da Silva.....	296\$00
Missão Açoriana.....	147\$50
Olávio da Glória Sacramento.....	92\$00
<i>Total...</i>	<u>3.718\$50</u>

Número de membros no fim de 1945

Conferência Portuguesa	640
Madeira	97
Açores	54
Cabo Verde	52
S. Tomé	64
Seminário	39
<i>Total. . .</i>	<u>946</u>

Março de 1946

Missão Madeirense.....	6.642\$50
María Luísa Saboga.....	852\$00
Francisco Castela.....	850\$00
Idalina Ferreira.....	748\$00
Elisa de Jesus Simões.....	662\$00
Augusta Reis Vasco.....	364\$00
Missão Açoriana.....	276\$00
<i>Total...</i>	<u>10.394\$50</u>

Fundos obidos na Campanha das Missões

Conferência Portuguesa	30 936\$80
Açores	4.025\$00
Madeira	4.000\$00
Cabo Verde	1.248\$60
S. Tomé	3.000\$00
<i>Total. . .</i>	<u>43.210\$40</u>

Abril-Maio de 1946

Jerónimo Falcão.....	36.525\$00
Idalina Ferreira.....	1.048\$00
María Luísa Saboga.....	1.028\$00
Elisa de Jesus Simões.....	460\$00
Augusta Reis Vasco.....	396\$00
Missão Açoriana.....	91\$00
<i>Total...</i>	<u>39.548\$00</u>

Fundos diversos

Grande Semana	11.459\$25
Escola Sabatina	54.798\$00
Dízimos da União	214.476\$40
Juventude	3.730\$25
Donativo das Assembleias.	5.155\$50
Donativo do Fim de Ano	4.775\$30

Resumo

Dízimos.	214.476\$40
Ofertas diversas	105.128\$70
<i>Total. . .</i>	<u>317.605\$10</u>

SAMUEL REIS
Chefe dos Colportores

O TESOUREIRO
A. Raposo

Necessidade da literatura

«As nossas publicações devem ir por toda a parte. Sejam elas editadas em muitas línguas.

A terceira mensagem evangélica deve ser dada por este meio e pelo professor vivo... Parte do dinheiro que provém da venda das nossas publicações, deve ser empregado em aumentar as nossas facilidades para a produção de mais literatura, que abra olhos cegos e lavre o terreno baldio do coração... Deus convida todos os homens a investigar o mais plenamente possível as exigências da Sua lei. A Sua palavra é sagrada e infinita. A causa da verdade deve prosseguir como uma lâmpada acesa. O fervoroso estudo da palavra de Deus revelará a verdade... Os cristãos devem buscar a sua luz na palavra de Deus, e então, com fé, sair a proporcionar essa luz aos que se acham em trevas».

(Testemunhos Selectos, vol. V, pág. 241)

ERROS A EVITAR

Apontamos os seguintes dois factos verídicos à meditação dos presados leitores:

1.º — O Irmão X, num momento de fraternal convívio cristão, teve a fraqueza de dizer ao Irmão Y quanto recebia mensalmente de reforma. O Irmão Y teve a fatalidade de ser nomeado membro da Comissão de Nomeações, naquele ano. O nome do Irmão X apareceu na lista para ser nomeado diácono. O Irmão Y teve o «santo zelo» de se lembrar da confissão do Irmão X e de perguntar ao tesoureiro da Igreja qual a importância de dízimos pagos por X. Este zeloso tesoureiro, esquecendo-se da doutrina consignada no Manual da Igreja a páginas 39 onde está decretado que não deve dizer nada a não ser ao chefe da Igreja, meteu nas mãos do Y o total dos dízimos pagos por X durante o ano. Y, que era comerciante e sabia fazer contas, pegou no lápis, dividiu por doze, verificou que o cociente não dava o dízimo mensal de X e levou o seu zelo a declarar que X não devia ser nomeado diácono porque não pagava dízimos. O pior é que a razão da não eleição foi levada ao conhecimento de X o qual se apressou a demonstrar a falsidade das razões de Y, porque sempre pagara dízimos e a quantia dada seria o dízimo fiel caso entrasse em consideração com descontos a que a reforma estava sujeita e ainda ao facto de não ter entrado com a última prestação do ano. E pior ainda de tudo isto foi a ideia de que ele estava sendo vítima de uma perseguição malévola dentro do Movimento Adventista. Não levou muito tempo que aquele bom irmão, delicado, atencioso e prestável, abandonasse definitivamente a sua Igreja.

E coisa cómica: quando perguntaram ao Irmão Y como é que ele, comerciante, podia provar que pagava um dízimo fiel, começou por dizer que pela escrita da casa; mas depois de se deduzir aos ganhos muitas verbas especiais, etc., etc., isto é, nem pela escrita se poderia vir a saber se pagava ou não dízimos fiéis.

Pois claro está que todos tiveram grandes culpas: o Irmão X por estar a dizer quanto ganhava; o Irmão Y por se servir de uma confidência de um Irmão e acima de tudo por se servir dessa confidência de uma forma incorrecta; o tesoureiro devia ter sido suspenso imediatamente das suas funções por ter posto

nas mãos de Y os dados que são «estritamente confidenciais». Mas quem se ficou a rir foi o diabo que alcançou o que desejava: perder uma alma.

2.º — Numa classe baptismal havia uma jovem catecúmena que, como todas as jovens dos nossos dias fora do movimento Adventista, trazia os lábios com um pouco de «rouge». O seu nome foi apresentado ao Conselho de Igreja. Nem o Pastor nem algum dos membros se lembrou do «rouge» da pequena, no sentido de se chegar a ela e de lhe dizer amavelmente que a beleza cristã estava em não usar a pintura dos lábios. De resto, ainda faltavam duas reuniões da classe baptismal e haveria tempo para lho dizer. Mas «alguém» da Igreja teve uma ideia genial: foi ao telefone, ligou para a Igreja, chamou a dita jovem ao aparelho e desfechou-lhe à queima roupa o seguinte ultimato:

— A menina deseja pertencer à Igreja? Pois não pode usar «rouge».

— Quem fala daí?

— É um membro do Conselho da Igreja.

— Muito obrigada!

E tirou o «rouge» dos lábios.

Deu resultado o estratagemata.

Mas será cristão empregar este processo? Feito um inquérito verificou-se que não fora nenhum membro do Conselho; logo a «zelosa alma» cometia um abuso de confiança. Mais ainda, dava a entender que dentro da Igreja a cobardia era tanta que ninguém tinha a coragem de apontar às claras o caminho a uma alma.

Se acaso tais processos merecem reprobção, como se nos afigura, bom será não os imitar.

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

••

Cont. e Ilhas Colónias

Número avulso . 1\$50 2\$00
Assinatura anual 7\$50 10\$00

Redacção e Administração:
Rua Joaquim Bonifácio, 17

••

Composição e impressão:
Tip. Gomes & Rodrigues
32, Rua das Picoas, 34—LISBOA

DIRECTOR: A. DIAS GOMES /// REDACTOR: ERNESTO FERREIRA /// EDITOR: A. F. RAPOSO